

A Gente Pega Junto

Protagonismo na agricultura familiar

A atuação do CAPA no Sul do Brasil (1978-2008)

Um Estudo de Impacto



A gente pega junto

Protagonismo na agricultura familiar



Expediente

Realização do estudo e autoria do texto:

Hans-Ullrich Ide, consultor autônomo do EED

Apoio:

Assessora de projetos da FLD, Ana Cristina Kirchheim,
Coordenação do Consórcio e equipes do CAPA

Projeto gráfico:

Lavoro C&M

Fotografias:

Arquivo CAPA

Fotografia da capa:

Rocheli Wachholz

Edição do texto e das fotos:

Susanne Buchweitz



I19g

Ide, Hans-Ullrich

A gente pega junto : protagonismo na agricultura familiar / Hans-Ullrich Ide. – Porto Alegre : [s.n.], 2008.

116 p.

1. Agricultura familiar. 2. Agroecologia. 3. Justiça social. 3. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. 4. CAPA. I. Título.

CDU 631

Catálogo

Evelin Stahlhoefer Cotta – CRB 10/1563

Índice

Competência solidária	8
Trinta anos de luta árdua.....	10
Apresentação.....	15
Os resultados.....	18
Principais conclusões e pontos de reflexão	26
O estudo de impactos	31
Quem é o CAPA?.....	37
Missão e campos de trabalho.....	37
Conceitos de agroecologia.....	39
Importantes etapas da organização	41
Os impactos.....	53
Aspectos do contexto	53
Relações de parceria	55
A metodologia do CAPA.....	57
Impactos gerais sobre as famílias e os grupos	59
Impactos em relação ao campo de agroecologia.....	67
Impactos em relação ao campo de comercialização – cooperati- vas e redes de comercialização.....	78
Impactos em relação ao campo de políticas públicas	89
Impactos sobre o CAPA	96
Análise dos impactos	104
Critérios de apreciação	104
Verificação das hipóteses de trabalho	109
Termos de referência.....	114
Lista de abreviações.....	116

Competência solidária

A presente publicação resulta do Estudo de Impacto elaborado com apoio da Fundação Luterana de Diaconia e do Serviço Evangélico de Desenvolvimento (EED, sigla em alemão), pelos 30 anos do CAPA.

A comunidade missionária que serve é aquela que se aproxima das pessoas, que luta pela vida digna, não só a de sua comunidade, mas também a do mundo. Seu servi o ultrapassa fronteiras.

PAMI – Texto Base, p. 47

A criação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), em 1978, foi um gesto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) na busca por justiça social, quando pequenos agricultores familiares estavam sendo expulsos do campo por um novo modelo econômico – conhecido como “revolução verde” – concentrador de renda e de terras. O CAPA contribuiu de forma decisiva para a prática social e de serviço junto a agricultores familiares e outros públicos ligados à área rural.

Em 2008, a IECLB lançou a segunda etapa do Plano de Ação Missionária (PAMI – 2008-2012), sob o título *Miss o de Deus, Nossa Paix o*. Dentro da perspectiva do PAMI, o CAPA constitui um trabalho diferenciado junto à sociedade em geral, promovendo “ações efetivas e questionando situações de injustiça, de opressão e exclusão” (PAMI - Texto Base, p. 47).

Ao longo da sua existência, o CAPA foi caracterizando o seu trabalho com o respeito à diversidade – biológica, cultural, étnica

e religiosa –, como item fundamental para a manutenção da vida e para a construção de independência e de autonomia.

A presente publicação resulta do Estudo de Impacto elaborado com apoio da Fundação Luterana de Diaconia e do Serviço Evangélico de Desenvolvimento (EED, sigla em alemão), pelos 30 anos do CAPA. Os dados levantados comprovam a grande relevância social que a organização conquistou, bem como o impacto econômico, cultural e ambiental do seu trabalho nas comunidades onde atua. “Importa desenvolver sensibilidade para as necessidades e dores da sociedade e adquirir competência solidária” (PAMI – Texto Base, p. 50).

O CAPA é um dos programas assessorados pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), que apóia projetos e programas sociais em todo o Brasil por meio de financiamento, acompanhamento e avaliação, atendendo quatro áreas prioritárias: geração de trabalho e renda; educação popular; agricultura familiar e ecologia; e saúde comunitária. O apoio à existência do CAPA, na maior parte, vem do EED, com sede em Bonn, na Alemanha, uma organização que visa o desenvolvimento auto-sustentável integral, proporcionando vida digna a todas as pessoas.

Carlos Gilberto Bock
Secretário executivo da FLD

Trinta anos de luta árdua

A parceria com o Consórcio CAPA é de extrema importância para o Serviço Evangélico de Desenvolvimento (EED). Trata-se de uma longa e rica trajetória, iniciada no contexto da relação de cooperação da IECLB com a EZE, uma das organizações que no ano 2000 se juntou para formar o EED.

O empenho das equipes do CAPA durante todos estes anos em prol da melhoria das condições de vida da agricultura familiar proporcionou para milhares de famílias brasileiras um horizonte de vida a partir da possibilidade de permanecer no campo. Além de contribuir para atenuar o processo de inchaço desordenado de médias e grandes cidades, este trabalho confere ênfase à valorização do mundo rural, sua cultura e qualidade de vida.

O trabalho não é fácil, pois as tendências macro-econômicas no Brasil das últimas décadas sempre foram muito desfavoráveis à agricultura familiar. Neste sentido, o CAPA remou e rema contra a corrente – e apóia a agricultura familiar a fazer o mesmo através de seu trabalho voltado para a organização da produção e da comercialização, da formação de jovens, da capacitação para influir nas políticas públicas e da ênfase na agroecologia, entre tantos outros aspectos.

Por isso, me alegro muito em poder, em nome do EED, para-

benizar a IECLB, a Fundação Luterana de Diaconia e toda a equipe do CAPA pelos 30 anos desta árdua luta, e expressar nossos votos de que seu trabalho continue gerando frutos tão significativos para a agricultura familiar do Sul do Brasil e para o desenvolvimento da região como um todo.

Luciano Wolff
EED/Departamento para América Latina
Programa Brasil – Cone Sul



Um dos destaques do trabalho é o resgate, a recuperação e a divulgação das sementes crioulas.

O milho crioulo é um elemento fundamental de energia para a agricultura familiar. Ao estar presente em todas as áreas da propriedade, é uma garantia da sua sustentabilidade.



Apresentação

Ao analisar os resultados do trabalho da organização ao longo das últimas três décadas, percebe-se que os efeitos da sua atuação raramente têm provocado mudanças isoladas. Nesse estudo de impacto pode ser observado que os resultados da atuação do CAPA, a partir dos seus focos temáticos e metodológicos aplicados, que se baseiam nos princípios da agroecologia e metodologias participativas de assessoria, contribuíram significativamente para tirar da invisibilidade os grupos sociais com os quais a instituição trabalha, transformando-os em sujeitos políticos ativos, em atores sociais organizados para reivindicar seus direitos e negociar políticas públicas nos espaços locais e regionais de decisão política.

A criação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) foi marcada pela análise da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de que os impactos desagregadores da revolução verde estariam levando cada vez mais ao empobrecimento da categoria dos pequenos agricultores e a um conseqüente esvaziamento das áreas rurais. Neste contexto, o CAPA surge como resposta da igreja para oferecer um serviço aos pequenos agricultores com o objetivo de alterar esta situação.

Ao analisar os resultados do trabalho da organização ao longo das últimas três décadas, percebe-se que os efeitos da sua atuação raramente têm provocado mudanças isoladas.

No geral:

- Foram desencadeados processos complexos, impactando a realidade dos grupos e das famílias em diversos níveis.
- Os avanços das propostas trabalhadas ocasionaram mudanças, principalmente em relação a posturas, percepções e visões das pessoas, famílias e grupos.

O alcance de atuação do CAPA foi ampliado para além do público tradicionalmente atendido pela organização, que eram os pequenos agricultores da região sul do país. As atividades promovidas também foram estendidas para outros grupos da sociedade como os quilombolas, indígenas e pescadores artesanais. Com este foco, as pessoas começaram a criar um outro olhar para a cultura destas comunidades.



A atuação do CAPA foi ampliada para além do público tradicionalmente atendido, passando a incluir outros grupos como os quilombolas, indígenas ou pescadores artesanais. Com este foco, as pessoas começaram a criar um outro olhar para a cultura destas comunidades.



As propostas do CAPA trabalham um conceito mais amplo e integrado de um sistema de produção baseado em um modelo de desenvolvimento regional sustentável, onde não se prioriza o ideal da maximização do lucro financeiro.

Os resultados

A partir do estudo de impacto pôde ser observado que os resultados da atuação do CAPA – a partir dos seus focos temáticos e metodológicos, que se baseiam nos princípios da agroecologia e metodologias participativas de assessoria – contribuíram significativamente para tirar da invisibilidade os grupos sociais com os quais a instituição trabalha, transformando-os em sujeitos políticos ativos, em atores sociais organizados para reivindicar seus direitos e negociar políticas públicas nos espaços locais e regionais de decisão.

A melhoria na qualidade de vida das famílias foi mencionada em todas as regiões visitadas, independentemente de categoria social, sexo e idade. As entrevistas apontaram mudanças em vários níveis, como em relação à melhoria na infra-estrutura em áreas de assentamento, lazer, saúde e segurança alimentar.

A forma e a frequência como as pessoas falaram sobre as suas experiências e vidas evidenciam o modo que elas entendem e valorizam as propostas trabalhadas pelo CAPA. As propostas visam um conceito mais amplo e integrado de um sistema de produção baseado em um modelo de desenvolvimento regional sustentável, onde não se prioriza o ideal da maximização do lucro financeiro.

É evidente que essas mudanças substanciais no comporta-



As mulheres desempenham um papel fundamental na construção de propostas ecológicas e, muitas vezes, são a porta de entrada para o trabalho com agroecologia.

mento e na auto-estima do público atendido impulsionaram uma série de processos e iniciativas que, ao se consolidarem exitosamente, contribuíram em vários aspectos para a melhoria da situação e da qualidade de vida das pessoas e das famílias. Os resultados do estudo mostraram claramente que o modelo de vida e os conceitos e valores transmitidos no trabalho do CAPA são considerados como os principais eixos responsáveis para este desenvolvimento positivo. Neste contexto, é importante registrar também que durante as visitas de campo foi freqüentemente ressaltado pelos entrevistados que a melhoria na qualidade de vida é percebida muito mais através de mudanças em relação à infra-estrutura, saúde, bem estar ou lazer das famílias do que relacionada a questões econômicas.

Em relação ao **desenvolvimento das propostas agroeco-**

O Encontro Regional de Comunidades Quilombolas já passou da terceira edição. A proposta é promover a confraternização e a troca de saberes entre vários grupos.



lógicas, a priorização de um modelo alternativo de produção faz parte da filosofia de trabalho do CAPA desde a sua criação. Na medida em que o CAPA avança com as suas atividades, observa-se também uma evolução na discussão conceitual.

No início da atuação da organização usava-se muito os termos “**agricultura alternativa**” e “**pequeno produtor**”. Com a introdução do conceito de “**agroecologia**” e de “**agricultura familiar**” amplia-se a visão sobre as potencialidades e abrangências do trabalho com os diferentes grupos do campo. A porta de entrada para introduzir a agroecologia na propriedade se deu muitas vezes em torno da saúde e da alimentação mais saudável. As principais mudanças observadas neste campo temático foram:

- **Aumento da biodiversidade** nos sistemas de produção dos estabelecimentos, principalmente através do trabalho de resgate, recuperação e divulgação de sementes crioulas e da produção de hortaliças. Com isto, as famílias têm acesso a **uma maior diversidade de alimentos**;
- Em relação à **segurança alimentar**, houve não só um melhoramento na qualidade e diversidade dos alimentos dos grupos diretamente acompanhados pelo CAPA, mas provocou também **mudanças de consumo alimentar** entre as populações urbanas mais carentes, por exemplo, ao fornecer alimentos de qualidade e em quantidade no contexto do PAA, da CONAB;
- **Melhoria da saúde** dos agricultores, pelo abandono da aplicação periódica de agrotóxicos e de fertilizantes químicos. Diminuíram também os índices de anemia e desnutrição nas crianças devido a uma alimentação mais diversificada e saudável;
- **Melhoria do solo** pela adoção de novas tecnologias para controle da erosão, entre elas a utilização de curvas de nível e adubação verde, proteção das fontes naturais, reflorestamento, compostagem e produção de húmus;
- **Economia na renda familiar** pelo fato que as famílias compram menos alimentos fora da propriedade. Ao mes-

mo tempo aumenta a renda mensal pela venda de produtos excedentes e na diminuição de custos pela menor compra de remédios;

- A diversificação do processo produtivo, além de garantir a segurança alimentar da família, também proporciona a **ocupação da força de trabalho**.

Quanto aos **avanços no campo da comercialização**, já relativamente cedo, os agricultores e suas famílias começaram a demandar um apoio do CAPA na área de comercialização. Fica evidente o forte vínculo do tema da comercialização com aspectos da metodologia de trabalho do CAPA, sobretudo no que diz respeito à questão do fortalecimento da organização dos grupos e públicos com os quais o CAPA se relaciona. A atuação do CAPA provocou mudanças significativas em diversos níveis, especialmente no âmbito local e regional. Os principais impactos podem ser resumidos da seguinte forma:

- Criação de uma dinâmica positiva em relação ao **mercado de trabalho local** e regional, aumentando o emprego, a geração de renda das famílias, particularmente no âmbito das cooperativas e agroindústrias;
- As agroindústrias aumentam o **papel ativo das mulheres** que participam com direitos iguais na gestão dos negócios e empreendimentos. Muitas delas estão envolvidas no gerenciamento do empreendimento, o que contribui também para o desenvolvimento de **relações mais igualitárias de gênero e geração**;
- As iniciativas de comercialização, sobretudo aquelas estruturadas em rede, contribuíram significativamente para **aumentar a segurança alimentar da população rural e urbana**, particularmente entre os grupos mais necessitados;
- As iniciativas em torno da comercialização contribuíram significativamente para **fortalecer o grau organizacional dos grupos**, sobretudo a partir das agroindústrias e das cooperativas que se tornam muitas vezes importantes ato-

res regionais para propor e influenciar políticas públicas;

- A criação de **novas estruturas de comercialização** estimulou iniciativas de venda direta como feiras orgânicas, abrindo e reorganizando os canais tradicionais de comercialização. Entre o público do CAPA não existe mais a figura do atravessador, o que contribui significativamente para aumentar a renda dos agricultores;
- A criação de redes solidárias de comercialização provocou também uma maior e mais acelerada **integração de novos públicos**, como quilombolas ou pescadores artesanais.

Na primeira fase de atuação do CAPA havia a análise de que só com as forças institucionais não seria possível mudar a realidade e que seria fundamental entrar no campo das políticas públicas para reivindicar direitos e disputar recursos públicos com propósito de mudanças. Conseqüentemente, houve um forte investimento do CAPA para fortalecer os grupos de agricultores para que eles mesmos pudessem ser sujeitos ativos para reivindicar e influenciar políticas públicas diferenciadas que atendessem as demandas dos diferentes grupos sociais do campo. Ao longo do tempo, foi criada uma grande quantidade de organizações populares de diversos tipos que começaram a atuar como sujeitos políticos em diversos espaços. Mudanças significativas foram observadas em relação aos seguintes aspectos:

- Aumentou, tanto quantitativamente como qualitativamente, o **grau de negociação e mediação** em diversos espaços de proposição e definição de políticas públicas locais e regionais como, por exemplo, no âmbito das secretarias municipais e/ou dos conselhos de desenvolvimento municipal/regional;
- Através das suas organizações, os grupos com os quais o CAPA trabalha têm **maior acesso a programas governamentais** para disputar recursos públicos;
- Há uma **maior inserção de mulheres e jovens** em vários espaços de definição e decisão de políticas públicas;

A agroecologia continua sendo a base do trabalho do CAPA e dos agricultores que acreditam que a agricultura familiar pode ser sustentável e produtiva, que ela tem potencial para garantir a soberania alimentar e nutricional para as famílias brasileiras.



- Há uma **maior inclusão de temas prioritários e propostas técnicas** que atendem as demandas do público com o qual o CAPA trabalha em espaços de serviços públicos, por exemplo, em relação às **grades curriculares das escolas** ou à construção de farmácias caseiras em escolas;
- Há um **maior respeito das instâncias** do poder público e/ou das instituições de pesquisa e assistência técnica sobre os agricultores e agricultoras que, em alguns casos, são reconhecidos por essas agências enquanto sujeitos políti-

cos e portadores de conhecimento técnico;

- Várias ações e propostas do CAPA se tornaram **referência**, sendo replicadas em outras regiões do Brasil como, por exemplo, no caso da Rede de Cooperação e Comercialização Solidária/CONAB.

O que pôde ser observado em relação à **valorização da mulher e inclusão de aspectos de gênero** é que no início da atuação do CAPA a mulher e o seu papel na propriedade e no sistema de produção eram praticamente invisíveis. O trabalho do CAPA, com a sua matriz metodológica sempre envolvendo toda a família nas atividades, trouxe uma série de impactos em relação ao empoderamento das mulheres, contribuindo assim para a construção de relações mais igualitárias. O **aumento da auto-estima** das mulheres é visível e o reconhecimento e a **valorização da mulher** e do seu trabalho puderam ser observados em vários níveis:

- A partir das atividades que as mulheres desenvolvem em torno da questão da alimentação e saúde alternativa houve avanços significativos no diálogo com a família e, particularmente, com os maridos, o que levou a uma **maior valorização do seu papel na propriedade**;
- Os papéis e as responsabilidades que as mulheres assumem no contexto das agroindústrias alcançaram um nível significativo. Elas participam no gerenciamento das agroindústrias com a mesma vez e voz, dividindo com os homens as responsabilidades e lucros, exercendo muitas vezes um papel de destaque;
- Há uma **maior inserção de mulheres em espaços de definição e decisão de política** como, por exemplo, nos conselhos municipais/regionais de saúde e educação, bem como em instâncias decisivas das organizações de base;
- Várias mulheres conseguiram documentação e cadastro, o que lhes possibilita acessar créditos e projetos independentemente dos homens.



Aspectos culturais dos grupos e as conjunturas têm um papel chave para a continuidade de processos em curso.

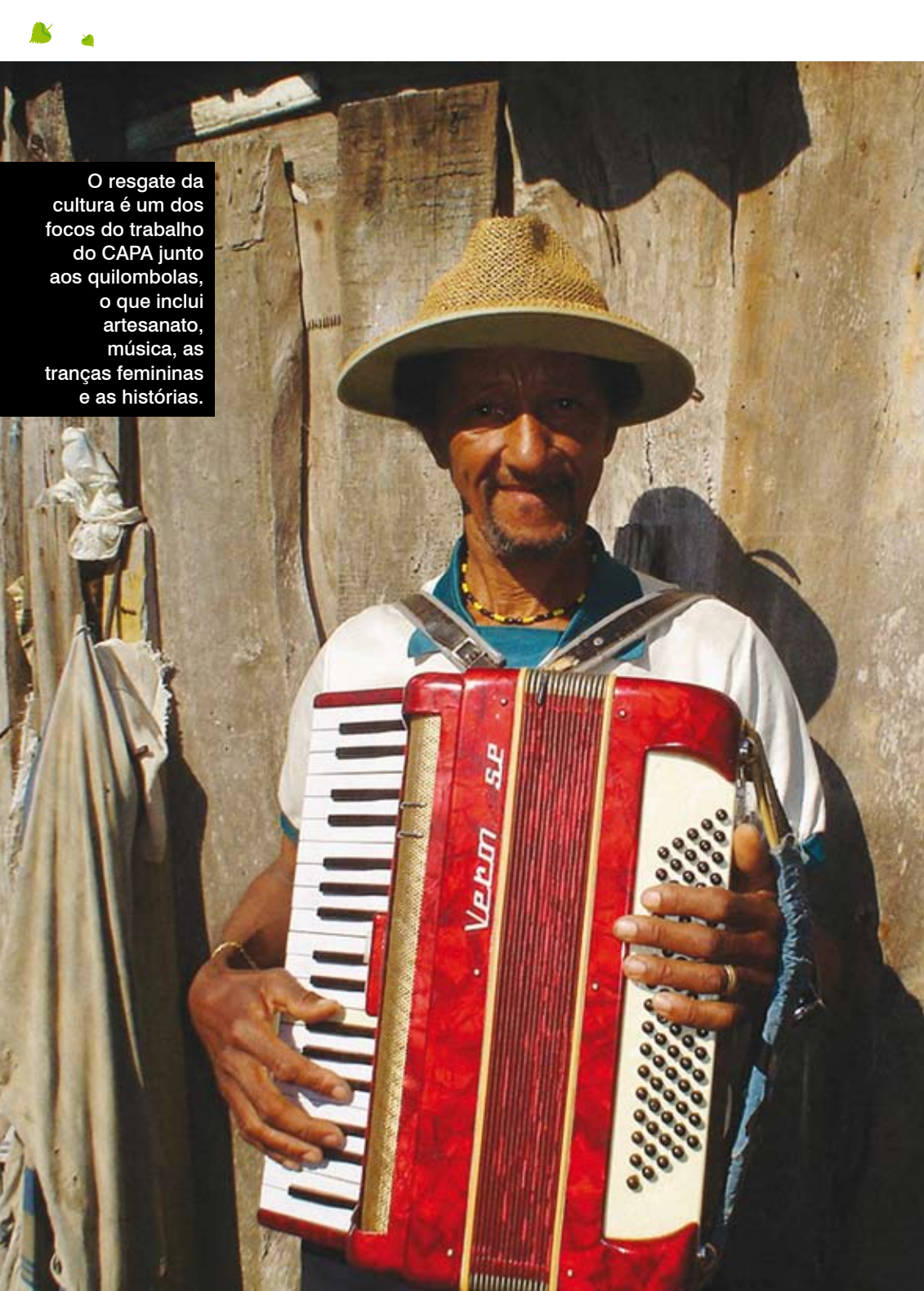
Principais conclusões e pontos de reflexão

- A maior auto-estima das pessoas e dos grupos é um aspecto fundamental para provocar mudanças em todas as outras temáticas;
- O grau organizacional dos grupos desempenha um papel central para o desenvolvimento dos processos;
- Aspectos sócio-culturais dos grupos e as conjunturas políticas locais e regionais desempenham um papel chave e marcam as bases para a continuidade ou descontinuidade dos processos em curso;
- Processos de desenvolvimento junto a grupos de agricultores familiares e outros grupos sociais marginalizados que visam o fortalecimento e consolidação de iniciativas e experiências coletivas exigem visões e estratégias de intervenção de longo prazo;
- A metodologia de trabalho aplicada pelo CAPA é um elemento chave e os instrumentos e estratégias de apoio integram de forma complementar e eficiente;

- O compromisso do poder público com as iniciativas e propostas trabalhadas pelo CAPA e seus grupos é um elemento fundamental;
- A criação de parcerias e convênios com o poder público municipal é mais fácil através de cooperativas do que através do próprio CAPA;
- A interação entre vários parceiros de diversos níveis institucionais como gestores públicos, organizações de agricultores, organizações religiosas, de pesquisa e organizações de moradores urbanos é de suma importância para os avanços dos processos;
- A priorização de iniciativas de comercialização em rede é fundamental e facilita a integração de novos grupos e categorias sociais pois oferece uma alternativa concreta e imediata para a venda dos produtos;
- As mulheres desempenham um papel fundamental na construção das propostas agroecológicas e, muitas vezes, são a porta de entrada para o trabalho com agroecologia;
- Para a introdução da agroecologia, nem sempre a questão econômica é o aspecto mais importante. Muitas vezes, a preocupação em torno de uma alimentação mais saudável e uma vida melhor são os argumentos mais importantes para as famílias;
- Em relação aos jovens, parece importante continuar a investir em alternativas para uma educação diferenciada que trabalhe com a valorização do interior e do campo (inclusão digital, currículos escolares);
- Em algumas das comunidades eclesiais e suas lideranças falta uma visão mais abrangente do CAPA e de suas propostas. Conseqüentemente, o leque de atuação do CAPA não é percebido em suas potencialidades mais amplas.



A produção ecológica de mel, feita de forma consciente e com técnicas adequadas de manejo, busca a preservação do meio ambiente e a promoção da saúde dos produtores e consumidores.



O resgate da cultura é um dos focos do trabalho do CAPA junto aos quilombolas, o que inclui artesanato, música, as tranças femininas e as histórias.

O estudo de impactos

Após quase três décadas de apoio a processos e iniciativas de promoção da agroecologia e de organização de grupos de pequenos agricultores para a construção de um projeto diferenciado para a agricultura familiar, surgiu a necessidade de perguntar: Quais foram os impactos dessa atuação? Quais foram as mudanças que o trabalho do CAPA trouxe para as famílias e para a sociedade?

A proposta de realizar um estudo que abordasse o impacto da atuação do CAPA também é consequência de uma avaliação institucional conduzida no ano de 2005. A partir das reflexões sobre os seus resultados surgiu a demanda de aprofundar alguns aspectos abordados e sistematizados durante o processo avaliativo, mais precisamente aqueles que se referem aos impactos que a atuação do CAPA tem provocado ao longo de sua trajetória.

Para nortear os parâmetros de análise, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- Identificar e sistematizar os maiores impactos que o CAPA ajuda a promover através da sua atuação nos núcleos regionais e as temáticas que foram priorizadas para este estudo;
- Fornecer subsídios ao CAPA que possam ser utilizados no fortalecimento do processo de visibilidade dos resultados da sua atuação perante os diversos segmentos da so-

cidade brasileira, bem como os órgãos públicos;

- Fornecer subsídios que possam ser úteis para o CAPA incrementar o seu sistema de Planejamento, Monitoramento e Avaliação (PMA) com elementos que permitam acompanhar de forma mais constante o desenvolvimento dos impactos da sua atuação; e
- Fornecer subsídios à organização alemã EED para comunicar e disponibilizar à sociedade alemã os resultados das suas intervenções no campo do desenvolvimento rural.



Uma das muitas festas de aniversário pelos 30 anos incluiu as Olimpíadas do CAPA, com a participação de crianças e adultos e atividades como corrida de carroça, caça ao porco e lançamento de bota.





O envolvimento das crianças é fundamental para o sucesso da proposta da agroecologia.

Entre os objetivos principais estão a fixação do agricultor à terra e a conscientização da função social da terra como produtora de alimentos básicos e saudáveis para todas as pessoas.



Quem é o CAPA?

Desde o início o CAPA se preocupou com a pequena propriedade descapitalizada, com a organização e a união dos pequenos agricultores e com a divulgação de uma agricultura alternativa.

Missão e campos de trabalho

“A situação era dramática e nós nos perguntávamos: O que a igreja pode fazer? E que responsabilidade temos diante deste crescente empobrecimento e da falta de esperança dos pequenos agricultores? Muitas vezes percebemos que foram exatamente os membros mais dinâmicos, mais corajosos que saíram, aqueles que a gente queria que ficassem.”

Pastor Huberto Kirchheim, ex-pastor presidente da IECLB

A origem do CAPA está diretamente ligada à história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, cuja trajetória acompanha o mesmo movimento que trouxe, a partir de 1824, os imigrantes alemães para as primeiras regiões colonizadas no sul do país. No período da fundação do CAPA, no final dos anos 1970, em torno de dois terços dos membros das comunidades da IECLB nas regiões eclesiais III e IV eram pequenos agricultores de origem alemã e 75% das contribuições para a igreja vinham das áreas rurais. Naquele período, os efeitos desagregadores da assim chamada “revolução verde” já se faziam sentir, especialmente em relação ao empobrecimento das famílias

de pequenos produtores e um conseqüente esvaziamento das áreas rurais. Muitas famílias buscaram um futuro e uma alternativa melhor em outras regiões brasileiras, principalmente, nas novas fronteiras agrícolas na Amazônia e no centro-oeste do país.

Como resposta a este esvaziamento dramático e para atender seu principal público – as famílias luteranas das áreas rurais – a IECLB estimulou, em 1978, a criação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor que, na época, se auto-demoninava Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor. Desde o início o CAPA se preocupou com a pequena propriedade descapitalizada, com a organização e a união dos pequenos agricultores e com a divulgação de uma agricultura alternativa.

“O CAPA era visto como ferramenta para a realização da missão evangélica de garantir o bom uso da terra, que é de Deus e, portanto, de todos. Para a igreja, o CAPA se transformou em um sinal de credibilidade entre discurso e prática, em um serviço da igreja para os pequenos produtores não clericalizados.”

Pastor Silvio Schneider, ex-secretário executivo da FLD

“O CAPA é um instrumento da igreja que estimula e promove a organização comunitária, voltado para a produção, a industrialização, a comercialização, a saúde, a conquista de seus direitos junto aos órgãos governamentais e a vida social...”

Projeto CAPA-RE III, 1996, p. 6

A IECLB, no seu Concílio de 1982 (seu órgão máximo de decisão), estabeleceu como objetivos básicos a serem perseguidos pelo CAPA junto aos agricultores:

- Fixação do agricultor à terra;
- Conscientização e valorização do pequeno agricultor em termos de dignidade e importância;
- Conscientização em torno da função social da terra como

produtora de alimentos básicos e sadios para o povo;

- Desenvolvimento de projetos viáveis e concretos de uma agricultura alternativa com vista à preservação da terra e do meio ambiente;
- Promoção da união dos pequenos agricultores no espírito de um autêntico movimento sindicalista e cooperativista com vista à produção, comercialização e reivindicação de preços justos, crédito fundiário, acesso à terra e a realização da reforma agrária.

O espírito destes princípios continua válido até hoje, como pode ser percebido no documento de planejamento do Consórcio CAPA:

“O CAPA tem por missão contribuir ativamente na promoção do desenvolvimento que proporcione vida digna a todas as pessoas, sendo que as suas ações estão centradas no fortalecimento da capacidade de cooperação e organização da agricultura familiar para a produção agroecológica, utilizando metodologias de trabalho que valorizem a participação e o conhecimento local, associem a teoria com a prática e promovam a equidade das relações, autonomia e bem-estar das famílias.”

Planejamento Trienal 2007-2009, CAPA, 2007, p. 3

Conceitos de agroecologia

A partir da missão do CAPA foram desenvolvidos os seguintes conceitos de agroecologia:

- É a aplicação da ciência ecológica no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis;
- É um enfoque holístico aplicado à agricultura tradicional de pequena escala;
- É a ligação entre ecologia, sócio-economia e cultura para sustentar a produção agrícola, comunidades agrícolas e

Agroecologia é a ligação entre ecologia, sócio-economia e cultura para sustentar a produção agrícola, comunidades agrícolas e saúde ambiental.



saúde ambiental;

- É a manutenção de uma agricultura que mantenha a produtividade ao longo do tempo, otimize recursos e minimize impactos ambientais.

A equipe técnica do CAPA é multidisciplinar, integrada por técnicos e profissionais de várias áreas, e presta apoio aos agricultores familiares organizados através de quatro áreas prioritárias, além de um programa de desenvolvimento institucional:

Apoio à produção	Apoio à saúde	Apoio à comercialização	Formação e educação
<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação agrícola (Associativismo e Cooperativismo) • Solos • Produção vegetal e animal • Bancos de sementes e mudas • Administração e gestão 	<ul style="list-style-type: none"> • Plantas medicinais • Farmácia comunitária caseira • Alimentação integral • Organização da saúde da mulher • Políticas de saúde 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperativismo • Agroindústrias • Acesso a mercados • Políticas públicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Cursos Técnicos • Seminários com jovens e agricultores • Viagens de estudo • Encontros e troca de experiência

O desafio era garantir a subsistência e a sobrevivência das famílias no meio rural dentro de um modelo agrícola voltado para monocultura e exportação, sabendo que eram os agricultores familiares que produziam os alimentos para a mesa do povo brasileiro.

Importantes etapas da organização

Para o presente estudo de impacto propôs-se resumir as informações sobre as diversas fases da organização a partir de três grandes etapas institucionais. Os aspectos orientadores mais importantes para esta categorização ao longo da linha de tempo foram:

- Mudanças na conjuntura política regional e nacional;
- Alterações em relação a regiões de intervenção, aspectos físicos e público alvo;
- Readequações em relação a conceitos e outros.

I. Fase 1978 a 1987

“Chegaram e trouxeram a sua mentalidade pomerana. Um povo que já na sua origem era muito sofrido e oprimido. ‘Vamos ficar bem quieto aqui e não fazer nada.’ Esta postura ca a bem na mentalidade dos latifundiários, dos estancieiros e charqueadores da região que não queriam outros sujeitos para disputar poder.”
Ellemar Wojahn, ex-coordenador do Núcleo S. o Louren o/RS

Naquele período ainda não existia a denominação **“produtor familiar”**, nem o conceito de **“agroecologia”**. Trabalhava-se antes com a categoria **“pequenos agricultores”**, objetivando a promoção de uma **“agricultura alternativa”**. O desafio era garantir a subsistência e a sobrevivência das famílias no meio rural dentro de um modelo agrícola voltado para monocultura e exportação, sabendo, por outro lado, que eram os pequenos agricultores que produziam os alimentos para a mesa do povo brasileiro. A IECLB era âncora eclesial do CAPA como expressão concreta do Evangelho. Em 1981, foi criada a pastoral rural dentro da área da agricultura, fortemente ligada à igreja e ao CAPA. Este período caracterizou-se por muitos contatos com as comunidades através da estrutura da igreja.

Nos anos de 1984 e 1985, a proposta de trabalho foi melhor definida a partir de uma intensa programação voltada para a qualificação do debate e aquisição de conhecimento técnico. Na primeira metade da década dos anos 1980 foram criadas as chamadas Propriedades Modelo Nova Paisagem, com áreas de 10 a 25 hectares, onde eram implementadas e testadas tecnologias alternativas.

Com a criação do CAPA começou também um processo educativo e de conscientização política, objetivando sensibilizar o público dos agricultores para a questão da reforma agrária, temática que era muito forte no discurso da IECLB. Foi uma época onde houve muitos investimentos do CAPA para fortalecer a organização comunitária dos grupos de agricultores, um público que

antes nunca havia sido protagonista.

Já no final da década de 1980 existia a consciência que só com as forças do CAPA não seria possível mudar a realidade. Havia a percepção de que seria fundamental entrar no campo das políticas públicas para reivindicar direitos e disputar recursos para provocar as mudanças.

II. Fase 1988 a 1998

Para o CAPA, esse período foi marcado por uma rica fase de experiências e profissionalização em relação a uma série de aspectos. A Rede PTA surgiu a partir da atuação da FASE no campo da agricultura alternativa, promovendo atividades nas regiões sul, sudeste e nordeste do Brasil. Ao longo da sua trajetória, a rede se

Em 1980 existia a consciência de que só com as forças do CAPA não seria possível mudar a realidade. Havia a percepção que seria fundamental entrar no campo das políticas públicas para reivindicar direitos e disputar recursos públicos para provocar as mudanças.



tornou uma referência importante para o campo da agroecologia no Brasil. O CAPA se integrou à regional sul da rede em 1989, continuando a investir na questão das tecnologias alternativas e avançando no desenvolvimento de metodologias participativas de assessoria técnica com base no resgate do conhecimento popular. O trabalho voltado para a área de comercialização, que teve seus primeiros ensaios em 1986/1987, ganhou mais força. Paralelamente, houve um forte investimento na educação, visando uma organização melhor dos grupos de agricultores.

“Vimos nisto uma centralidade. A comercialização, o associativismo, o cooperativismo como temáticas fundamentais para atingir aquilo que era o objetivo central, ou seja, a melhoria de vida das famílias e a sua possibilidade de continuar existindo como agricultores.”

*Ellemar Wojahn, ex-coordenador do Núcleo Sul
Lourenço/RS*

Como fruto do trabalho educativo e de conscientização política, foram fundadas inúmeras associações e cooperativas de pequenos agricultores como a União das Associações Comunitárias do Interior do Canguçu (UNAIC), a Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região (COOPAR), a Cooperativa de Crédito Solidário (CRESOL), a Sul Ecológica em Pelotas, a Cooperativa dos Produtores Orgânicos de Mondai (COOPERBIORGA) e a Cooperativa dos Agricultores Ecologistas Solidários (COOPERFAS) em Erechim e a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas do Vale do Rio Pardo (ECOVALE) em Santa Cruz, cujo universo integra um total de 7.472 famílias. Várias delas atuam hoje com completa autonomia.

Estas iniciativas surgiram com um alto espírito crítico em relação ao poder público, que, em âmbito municipal, investia fortemente na criação de associações de agricultores. Porém, essas associações eram, na sua maioria, dependentes.

“Naquela época, chegou a totalizar mais do que 100 as-

sociais comunitárias que eram estimuladas pelo poder público em convênio com a Universidade Católica. O guarda-chuva era um programa para a aquisição de patrulhas agrícolas através de recursos públicos. E nós temos os grupos que pertenciam à IECLB, à pastoral da igreja católica e à pastoral rural da igreja anglicana. E estes grupos não aceitavam aquele jeito e o CAPA puxou esta organização”.

Cléo de Aquino, presidente da UNAIC, Canguçu/RS

A partir do constante investimento na organização e ação coletiva dos agricultores, surgia cada vez mais o debate sobre a necessidade de agregar valor aos produtos agrícolas através da instalação de pequenas agroindústrias locais e da promoção de feiras orgânicas.

“Começamos também a trabalhar algumas atividades econômicas. Tinha a questão das feiras e a questão das agroindústrias, cujo debate iniciou em 1996. Isto já era um fruto do trabalho de conscientização para trabalhar em grupos.”

Ingrid Margarete Giesel, coordenadora do CAPA Erechim/RS

Em relação a sua estrutura institucional e regiões de atuação, o CAPA continuou um processo de reformulação, agrupamento e priorização das áreas. Em 1988, o núcleo de Santa Rosa foi transferido para Erechim. Nesse mesmo ano, o CAPA trocou de nome, de Centro de Aconselhamento ao Pequeno Agricultor para a denominação atual, **Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor**. Em 1997 nasceram os núcleos no estado do Paraná, em Marechal Cândido Rondon e Verê, e o CAPA Erechim passou a atuar também em municípios localizados em Santa Catarina.

Ao longo deste período, sobretudo a partir dos anos 1990, observa-se também uma evolução na discussão conceitual a respeito dos antigos termos **“agricultura alternativa”** e **“pequeno produtor”** provocada pelos técnicos do CAPA. Com a introdução

do conceito de “agroecologia” e de “agricultura familiar” amplia-se a visão sobre as potencialidades e abrangências do trabalho.

No nível da conjuntura política, o Partido dos Trabalhadores consolida-se no Rio Grande do Sul em 1988 ao ganhar a prefeitura de Porto Alegre. Esta conjuntura abriu espaço para um diálogo maior com o poder público sobre propostas de políticas diferenciadas para fortalecer a agricultura familiar no estado, por exemplo, em relação a espaços cedidos para os agricultores venderem os seus produtos ecológicos. Surgiram os primeiros convênios com prefeituras municipais, através dos quais o CAPA atua como prestador de serviço na área de tecnologias alternativas em comunidades rurais.

III. Fase 1999 a 2008

Como parte de um processo de reestruturação interna da IECLB, foi extinto o antigo Serviço de Projetos de Desenvolvimento (SPD) da igreja. A partir de 2000, a Fundação Luterana de Diaconia (FLD) assumiu o papel do SPD. A FLD passa a abrigar o projeto CAPA perante o EED que inicia, junto a seus parceiros, a discussão sobre a formação do consórcio CAPA com o intuito de potencializar a articulação entre os diferentes núcleos. Realizou-se um estudo participativo para identificar os limites e as potencialidades do formato que vem se concretizando a partir do ano de 2001. Desde então, são organizados seminários temáticos do consórcio para promover o intercâmbio de experiências e qualificar a integração dos cinco núcleos. A criação de estruturas físicas, como a aquisição de sedes próprias em Santa Cruz e Erechim, e a transferência do escritório-sede do CAPA de São Lourenço do Sul para Pelotas, contribuiu bastante para aumentar a visibilidade dos núcleos e do trabalho do CAPA.

A partir de 2002, o CAPA começou também a integrar de forma mais estratégica o trabalho com novos públicos, as chamadas populações tradicionais, como os quilombolas, indígenas e pescadores artesanais.

A conjuntura política, tanto em termos estaduais quanto nacionais, teve uma grande influência na evolução do trabalho do CAPA

ao longo deste período. Com a entrada de um governo petista no governo do Rio Grande do Sul, em 1999, com o governador Olívio Dutra, a conjuntura regional abriu mais espaços para o diálogo.

Tanto a agricultura familiar quanto a agroecologia como modelo de produção receberam uma série de incentivos do Governo da Frente Popular no Rio Grande do Sul durante a gestão de 1999-2002. Surgem programas governamentais que incentivam a instalação de agroindústrias comunitárias para o beneficiamento dos produtos e para agregar valor à matéria prima produzida pelos pequenos agricultores. Com isto, as discussões sobre a criação de cooperativas se intensificam. Conforme relatou o presidente da UNAIC, Cléo de Aquino, “a chegada do governo Olívio foi o passo da UNAIC para a autonomia, também em relação ao CAPA. Para

No início não existia a denominação “produtor familiar” e nem o conceito de “agroecologia” – trabalhava-se com a categoria de “pequenos agricultores” e a promoção de uma “agricultura alternativa”.





Troca de experiências e tardes de campo são realizadas freqüentemente e, na opinião dos agricultores, são muito eficientes em termos de aprendizagem

pensar com mais autonomia, buscar próprios projetos e recursos criando asas para voar."

Porém, esta dinâmica entrou em retrocesso a partir de 2003 com a chegada ao poder de um outro grupo político no governo do Rio Grande do Sul. Com isto, alguns programas que haviam estimulado modelos e iniciativas diferenciados de desenvolvimento rural foram desestruturados como, por exemplo, o RS-Ecológico – um programa de produção, agroindustrialização e comercialização de produtos ecológicos que buscava promover a transição do modelo convencional para uma agricultura de base ecológica, criado durante o governo de Olívio Dutra (1999-2002).

Já no âmbito federal, os convênios e projetos ganharam

maior peso no governo petista após 2003, com a eleição do presidente Lula. Os canais de diálogo com alguns segmentos do governo, como o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), abriram perspectivas interessantes para avançar com as propostas do CAPA e suas organizações parceiras no campo. Sobretudo os convênios no âmbito do Fome Zero, em parceria com a CO-NAB, ampliaram significativamente as possibilidades de acessar mercados diferenciados, fortalecendo as iniciativas e qualificando suas articulações a partir das modalidades criadas.



Crianças do culto infantil das comunidades luteranas de Erexim, Barra do Sarandi e Aratiba plantam mudas de árvores nativas do Alto Uruguai.



Na sua atuação, o CAPA constrói parcerias com uma série de atores, estabelecendo uma teia de relações e compromissos fundamentais para enfrentar os desafios colocados pelas conjunturas políticas e sociais.

Os impactos

Aspectos do contexto

As intervenções do CAPA acontecem em conjunturas políticas e sociais muito complexas, na sua maioria desfavoráveis para desenvolver as atividades da organização. Os contextos regionais onde os núcleos atuam são caracterizados pela presença de grandes complexos agroindustriais, que, durante as últimas décadas, implementaram os seus modelos de produção baseados na monocultura do fumo, em sistemas integrados de criação de aves e suínos e, mais recentemente, no reflorestamento com eucaliptos para a produção de celulose.

Não são raros os casos onde as grandes empresas fumageiras ou avícolas conseguiram criar uma dependência total dos agricultores, o que acabou desestruturando o sistema tradicional e diversificado da agricultura familiar, descapitalizando e endividando agricultores. Em muitas famílias e comunidades houve a perda de sementes tradicionais, de conhecimentos sobre modos de plantar e mudanças nos hábitos alimentares, além de surgirem graves problemas de saúde devido ao uso excessivo de agrotóxicos nas plantações, principalmente de fumo.

Os avanços e impactos descritos a seguir receberam impulsos também de outros atores e processos que interagem de

forma complementar com as atividades que o CAPA desenvolve. O presente estudo mostra alguns destes aspectos a partir de uma análise das principais intervenções de atores relevantes nos contextos de atuação do CAPA.

Em relação ao próprio CAPA, as principais intervenções através das quais as equipes dos núcleos regionais provocam **avanços e mudanças** nas realidades do seu público alvo ocorrem nos seguintes contextos:

- Apoio na criação e estruturação de grupos coletivizados – associações e cooperativas;
- Apoio nos processos de formação permanente, por exemplo, nos temas de comercialização, associativismo, cooperativismo;
- Apoio e facilitação em processos de produção e comercialização de produtos ecológicos;
- Elaboração de materiais técnicos/didáticos e sistematização de informações;
- Fomento de experiências piloto como, por exemplo, a Rede de Comercialização Solidária/Merenda Escolar;
- Estímulo a um fundo de apoio comunitário para pequenos projetos, buscando o processo de fortalecimento de iniciativas de grupos de base;
- Atuação como agente político animador das organizações dos agricultores para formular e lutar por políticas públicas; promoção do protagonismo dos agricultores e suas organizações
- Prestação de serviço em programas governamentais, como no Programa de Consolidação e Emancipação de Assentamentos;
- Apoio na pesquisa agroecológica, muitas vezes em parceria com instituições de pesquisa como a EMBRAPA e iniciativas de agricultores como a UNAIC.

Relações de parceria

Na sua atuação, o CAPA constrói parcerias com uma série de atores, sendo que cada qual preenche e assume papéis diferentes, estabelecendo desta forma uma teia de relações e compromissos fundamentais para enfrentar os desafios que as conjunturas políticas e sociais nas regiões de atuação colocam para as famílias e iniciativas acompanhadas pelo CAPA. Entre os principais atores e atores e espaços de parceria, estão:

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Sínodos, obreiros/as, ISAEC, COMIN, Grupos de Apoio)

- Os agricultores dos sínodos, obreiros da IECLB e representantes dos grupos de apoio participam do conselho dos núcleos do CAPA e contribuem desta forma na configuração e nas definições do trabalho;
- A ISAEC garante o amparo legal aos núcleos e realiza a contabilidade deles;
- O COMIN, como órgão responsável na IECLB para a missão entre os índios, apóia na sensibilização para o trabalho com o público indígena, tanto em relação às equipes do CAPA quanto entre grupos de colonos e indígenas

A Fundação Luterana de Diaconia

- Assessora e anima os núcleos do Consórcio do CAPA;
- Atua como interlocutor entre o Consórcio CAPA e EED;
- Monitora o projeto CAPA política e estrategicamente;
- Apóia a gestão financeira e procura ampliar o apoio financeiro aos núcleos;
- É o elo de articulação entre o consórcio CAPA e IECLB, e o representa na ISAEC;
- Coordena as ações de comunicação do consórcio CAPA;
- Apóia na integração entre o CAPA e sua proposta de Desenvolvimento Rural Etnosustentável, também dentro das instâncias da IECLB. A FLD também fica responsável pela facilitação de encontros temáticos dentro do Consórcio;

- Apóia os processos de sistematização dos resultados do CAPA, bem como a divulgação e irradiação de sua metodologia.

EED

- Apóia por meio de projetos de apoio e recursos financeiros;
- Contribui a partir da sua visão de fora, e de seu papel provocador, em discussões conceituais como, por exemplo, a questão da agroecologia;
- Apóia por meio da promoção e realização de visitas de intercâmbio e diálogo com grupos de solidariedade na Alemanha.

As cooperativas e associações dos grupos de base

- Participam e contribuem ativamente no desenvolvimento dos processos e das iniciativas;
- São responsáveis pela animação e ampliação dos seus sócios/as;
- São os principais espaços para organizar as iniciativas de comercialização, principalmente aquelas organizadas em rede;
- Atuam como sujeitos ativos em espaços de negociação de políticas públicas;
- Fecham parcerias e acordos com instâncias do poder público.

ONGs parceiras da sociedade e movimentos sociais (FETRAF, MMC, REDE ECOVIDA e outras)

- São aliados importantes na divulgação e irradiação dos princípios e técnicas agroecológicas e metodológicas junto às suas bases nas comunidades;
- São aliados estratégicos ao provocar debates e negociações sobre políticas públicas diferenciadas.

Instituições de ensino, pesquisa e extensão (EPAGRI, EMATER, EMBRAPA e outras)

As instituições de pesquisa cumprem um papel em relação a várias temáticas que o CAPA trabalha, por exemplo, em relação a sementes ou plantas medicinais nos seguintes contextos:

- No apoio, tanto no campo da pesquisa técnica voltada para questões da produção, em relação a variedades de sementes crioulas, quanto para a estruturação técnica de experiências de grupos de agricultores, no âmbito das agroindústrias ou unidades de beneficiamento;
- Na valorização da figura do “**agricultor pesquisador**” como portador de conhecimento técnico e junção deste segmento com a **pesquisa científica**;
- Na irradiação dos resultados dos trabalhos através dos meios institucionais de comunicação e divulgação.

A metodologia do CAPA

“O CAPA nunca foi de impor nada.”

Depoimento de um agricultor do munic pio Vale do Sol/RS

Um fator fundamental que contribuiu significativamente para os avanços do trabalho do CAPA em todos aspectos foi a **flexibilidade na metodologia de trabalho** priorizada desde a sua criação. Apesar de o CAPA não se pautar por uma única maneira de trabalhar devido aos contextos regionais diferenciados, é possível identificar alguns elementos comuns que foram fundamentais para o sucesso e os avanços das propostas trabalhadas.

Estes fatores diferenciam a atuação do CAPA de outras entidades que trabalham no campo da assessoria a famílias e grupos de agricultores. De acordo com os dados levantados neste estudo, em muitas situações, foram exatamente estas características os fatores-chave pelos quais os grupos deram preferência para uma assessoria do CAPA.

“A grande diferença do nosso trabalho é do ponto de vista metodológico e da proposta. Trabalhamos com uma coisa mais integrada a partir da capacitação, do apoio, considerando valores éticos e morais e a questão da cidadania”.

Jaime Weber, coordenador CAPA Santa Cruz do Sul/RS

Outros aspectos que podem ser considerados como princípios básicos da metodologia do CAPA são:

- Envolvimento de toda a família;
- Seleção de áreas de atuação onde o CAPA pode ter impactos regionais;
- Valorização da cooperação agrícola e da atuação em rede;
- Envolvimento das categorias mais vulneráveis da sociedade;

Constata-se a melhoria do solo pela adoção de novas tecnologias para controle de erosão, como o uso de curvas de nível, proteção de fontes naturais e reflorestamento.



- Importância do compromisso ético e racial;
- Inserção de temáticas transversais;
- Criação de referências – sem, contudo, assumir o papel do poder público.

As informações levantadas durante as entrevistas deixaram bastante claro que esta matriz metodológica, aliada aos diversos papéis que a organização vem exercendo nas suas áreas de atuação estimula quase sempre cadeias de impactos, provocando assim mudanças em vários níveis e campos temáticos.

Impactos gerais sobre as famílias e os grupos

Auto-estima

Um dos impactos mais significativos que pôde ser observado ao longo do estudo é, sem dúvida, em relação a mudanças no comportamento e postura do público atendido. Em todas as entrevistas e conversas realizadas foram relatados inúmeros depoimentos de como as pessoas, independentemente de raça ou sexo, conseguiram evoluir na sua auto-estima e no seu crescimento pessoal.

A partir do objetivo da IECLB, que estabeleceu como ação do CAPA o trabalho de conscientização e valorização do pequeno agricultor em termos de dignidade e importância, uma das principais preocupações e desafios para as equipes foi desenvolver metodologias e estratégias de trabalho voltadas para o crescimento da auto-estima das famílias, investindo prioritariamente em processos educativos visando fortalecer a organização e união dos grupos.

Para se ter uma **dimensão do impacto**, basta observar a realidade encontrada pelo CAPA ao iniciar as suas atividades nas comunidades. Segundo relatos colhidos para este estudo, os agricultores viviam em contextos regionais que foram caracterizados da seguinte forma nas entrevistas:

“O agricultor era alguém isolado no interior. Era manipulado em todos os aspectos. Não era sujeito”. Ou “O

colono era marginalizado, era sempre o último.”

Ellemar Wojahn, ex-coordenador do Núcleo S o Louren o/RS

Hoje, depois de um tempo de trabalho de formação e conscientização dos grupos, as mudanças são visíveis.

“Nós percebemos nas pessoas, as pessoas dentro dos grupos percebem estas evolu es. No início, quando fomos para as reuniões, ninguém falava. Depois de um tempo, dá entrevista em rádio, jornal, recebe uma delegação de 40, 50 pessoas e conta sua história com um orgulho de apresentar seu trabalho e dá valor a este trabalho.”

Jaime Weber, coordenador do CAPA Santa Cruz do Sul/RS

Se esta caracterização do “colono marginalizado” valia para a categoria dos agricultores imigrantes, valia muito mais para outros grupos que viviam à margem da sociedade. Quando o CAPA começou a incluir outras categorias da população excluída como público alvo no seu trabalho, como por exemplo os quilombolas, os depoimentos encontrados durante as visitas de campo em relação a aspectos como auto-estima, dignidade e atitudes das pessoas foram ainda mais fortes:

“Eles, os quilombolas, viviam em um processo de exclusão com um sentido de submissão. Não havia postura de dignidade nem a valorização das pessoas. Dos próprios quilombolas ouvia-se falar: ‘A gente não se achava gente’”.

Ledeci Coutinho, CAPA Pelotas/RS

Também em relação às mulheres foram relatados em vários momentos exemplos que mostram que elas eram praticamente invisíveis em relação a seus papéis na propriedade e com pouquíssimo reconhecimento enquanto sujeito ativo:

“Entre os pomeranos, a mulher não aparecia. Quando o CAPA começou a trabalhar no sul, em Pelotas e S o Louren o, quando os técnicos visitavam as propriedades, nas primeiras visitas nem se chegava a ver a mulher, ela se escondia do pessoal do CAPA.”

Pastor Huberto Kirchheim, ex-pastor presidente da IECLB

Os avanços no que diz respeito ao reconhecimento, empoderamento e auto-estima das mulheres, são evidentes, como revelam alguns depoimentos colhidos:

“Antes, as mulheres se escondiam do pessoal do CAPA. Hoje, pegam no microfone. Hoje, vão ao banco e negociam.”

Ledeci Coutinho, CAPA Pelotas/RS

“Várias mulheres conseguiram documentação e cadastro, o que possibilita a mulher pegar crédito e projeto. Antigamente, dependia do homem.”

Vivian Souza, agricultora, assentamento Santa Alice, Município de Herval/RS

A atuação e o acompanhamento do CAPA, através de processos educativos e de assessorias técnicas e metodológicas, são decisivos para os avanços e conquistas em relação a uma maior conscientização e um nível mais elevado da auto-estima das famílias e dos grupos.

Esta evolução da mentalidade das pessoas é um dos aspectos fundamentais para as conquistas e impactos em outros campos, como por exemplo mudanças relacionadas à elaboração e reivindicação de políticas públicas ou a estruturação e fortalecimento do grau organizativo dos agricultores e grupos tradicionais.

“Se conseguiu construir no resto da sociedade um olhar diferenciado e respeitado em relação aos pequenos agricultores. Antes, os fazendeiros, aliados aos comerciantes

definiam os rumos do município. Hoje, os agricultores adquiriram um nível de emancipação que superou a etapa de resistência dos comerciantes e dos fazendeiros. Hoje, o agricultor determina. Hoje, há respeito e em alguns casos até um tipo de admiração. Hoje, mudou muito. Os fazendeiros falam assim: “O pessoal lá pega junto, é unido. Nós aqui, cada um olha o seu, somos desunidos.” José Nunes, prefeito de São Lourenço do Sul/RS

O trabalho com os quilombolas tem quatro anos e provocou impactos fantásticos. Hoje, os municípios sabem que existem quilombolas por aqui. Antes não se tinha conhecimento sobre estes grupos. Mas o impacto maior é na vida das pessoas. Há três anos, as pessoas durante as visitas não olhavam para a gente (integrantes da equipe do CAPA). Não havia postura de dignidade. Havia uma atitude de submissão. Não havia diálogo. Havia monólogo. Ao longo do trabalho, eles recuperaram a memória, o reconhecimento da sua história e identidade.” Ledeci Coutinho, CAPA Pelotas/RS

“Antes, nas comemorações do aniversário da cidade de Canguçu, por exemplo, nunca se falava dos quilombolas, da contribuição da cultura negra para o desenvolvimento do município. Através do trabalho do CAPA e suas organizações parceiras locais como a UNAIC foi descoberto que não foram só os colonos europeus que contribuíram para isso. Já tem representantes de quilombolas na escola para falar sobre a cultura negra. Antes não existia isto. Os quilombolas estão em processo de criar as suas associações. Eles começam se organizar politicamente para reivindicar seus direitos.” Cléo de Aquino, agricultor e presidente da UNAIC, Canguçu/RS

A atuação do CAPA, voltada para aumentar a auto-estima



O impacto maior é na vida das pessoas, que conquistaram uma postura de dignidade e auto-estima.

do seu público e formar sujeitos conscientizados para intervir nos debates políticos da sociedade, conseguiu avançar visivelmente, provocando as mudanças relatadas. No entanto, também foi possível detectar impactos não esperados, revelando dificuldades na convivência social entre os agricultores – que, a partir dos processos educativos, conseguiram desenvolver visões e posturas diferenciadas sobre a vida – e outras pessoas das comunidades.

“Uma das coisas que se percebe é que este jeito de ser diferente, agir diferente e pensar diferente come a formar uma ilha, principalmente dentro da comunidade. Na igreja, no clube eles são vistos diferentes, pela classe política, pela prefeitura eles são vistos diferente. Às vezes, as famílias sofrem por isso. Não conseguem mais socializar com todos da comunidade, com outros integrantes da própria família. Começam a romper com parentes que não concordam. São vistos como os ‘doidos’ ou ‘loucos’ e são discriminados pelo resto da comunidade.”
Vitor Hugo Hollas, CAPA Erexim/RS

“Já foi dito por vários agricultores que com o tempo eles começam a se sentir isolados do resto da comunidade porque os assuntos, as expectativas, os interesses começam a ser outros.”
Jaime Weber, coordenador do CAPA Santa Cruz do Sul/RS

Qualidade de vida

Outro aspecto que chamou muita atenção durante as entrevistas foi a frequência e a intensidade com que as pessoas falaram sobre mudanças percebidas em relação ao modelo e à qualidade de vida nos indivíduos e nas famílias. Vale a pena ressaltar que esta avaliação se refere, na maioria dos casos, a mudanças que as pessoas percebem prioritariamente em relação à questão da saúde, bem estar ou lazer – e nem tanto a questões econômicas.

É evidente, também, que estas percepções se devem, principalmente, aos conceitos e às metodologias com os quais o CAPA se aproxima e trabalha com os grupos.

“As pessoas tem um nimo maior de vida. Voc percebe isto no rosto delas.”
Valdete Jantsch, CAPA Erexim/RS

“Quando se fala do impacto do CAPA, sempre tenho este sentimento que vamos querer avaliar o CAPA só pela capacidade que ele teve de viabilizar a pequena propriedade rural no sentido econômico. Pode até ser que alguns produtores conseguem melhorar a sua renda. Mas a qualidade de vida, quando se compreende como funciona o CAPA, se torna também uma alternativa para um modelo de vida melhor, diferente”
Pastor Leon dio Gaede, pastor vice-sinodal, IECLB, Teutônia/RS

Estas mudanças se mostram no jeito de as pessoas e grupos refletirem sobre a vida, criando uma consciência diferenciada que pode ser percebida, entre outras coisas, na forma como se dá importância a questões como o lazer.

“Os agricultores já perceberam que trabalhar de forma diferente, com trabalho de grupo, com a agroecologia, não vai torná-los ricos. Mas aqueles grupos que passam daquela fase da crise, que resistem para chegar a trabalhar com agroecologia conseguem ver o mundo e também a parte econômica de forma diferente.”
Vitor Hugo Hollas, CAPA Erexim/RS

“Melhorou na qualidade de vida, no trabalho geral na propriedade. Reduziu pela metade, por exemplo, na minha casa, o uso de agrotóxicos e de adubos químicos. O trabalho com fumo era mais torturante. Às vezes, tinha



“Há 10 anos, quem diria que se poderia ficar conectado com o mundo e falar com duas pessoas diferentes através do computador?”

que colher na chuva. No finalzinho da tarde, muitos da família passavam mal. Quanto mais fumo a propriedade produzia, mais problema de intoxicação, de passar mal, de vomitar, de fraqueza no corpo e assim por diante. A verdade não, colhendo na chuva tu não passa mal, não tem agrotóxico. A qualidade de vida melhorou bastante. O tempo que se ‘perde’ na folga é um investimento na qualidade de vida.”

Dirceu Weber, agricultor e tesoureiro da Associação de Jovens Ecologistas de São Martin (AJESMA)

“Outra diferença é quando se conversa com outras pessoas da comunidade. É totalmente diferente o modo de pensar. O conceito social, político, a concepção de vida é completamente diferente das outras pessoas, é muito superior dos outros companheiros da sociedade.”

Décio Martinho Agostini, agricultor, Barra do Rio Azul/RS

“Entrar no CAPA para mim foi uma benção. Hoje eu tenho tempo para experimentar a vida. De manhã, faço meu chimarrão, a família conversa sobre os planos de trabalho, a comunidade, a nossa cooperativa e o trabalho com o CAPA. Depois, vamos tratar os bichos. Antes de ir para a lavoura, temos tempo de observar o comportamento dos bichos.”

Valdomiro Schuster, agricultor, Santa Cruz do Sul/RS

“Se alguém tivesse perguntado uns 10 anos atrás: Quando você veio ter computador ou internet aqui? O que é isso? Ninguém sabia. Quem diria naquela época que através do computador posso ficar conectado com o mundo e falar com duas pessoas em lugares diferentes ao mesmo tempo? Com tudo isto, aprendemos a sonhar um pouco com o que é possível. Não é a questão de ficar rico. Mas ter melhores condições de vida para as pessoas que moram aqui.”

Décio Martinho Agostini, agricultor, Barra do Rio Azul/RS

Sobre o público de assentados e quilombolas que recebem a assessoria do CAPA, vale a pena destacar que, através da conscientização e organização dos grupos, as comunidades conseguiram ter acesso a vários programas governamentais, como o Programa de Consolidação e Emancipação de Assentamentos, o Rio Grande do Sul Rural ou o Habitação Rural. Os avanços, conquistas e mudanças que tais iniciativas trouxeram para as famílias se expressam de forma bastante concreta na melhoria da infraestrutura nas comunidades, através da construção de casas novas e de instalações de sistemas de água e energia.

Impactos em relação ao campo de agroecologia

Aspectos específicos de observação:

- Biodiversidade e sementes crioulas;
- Conversão agroecológica e mudanças na renda familiar;

- Etno-sustentabilidade e auto-sustentação dos grupos e das famílias;
- Qualidade da alimentação e saúde;
- Outros;

A priorização de um modelo alternativo de produção faz parte da filosofia de trabalho do CAPA desde a sua criação. Naquela época, não se falava ainda do conceito de agroecologia. Porém, existia um claro posicionamento a favor do desenvolvimento de uma agricultura alternativa, cuja discussão era fortemente vinculada à questão da saúde, a partir de uma preocupação em relação ao envenenamento das pessoas causado pelo forte uso de agrotóxicos, principalmente nas lavouras de tabaco, e à produção de alimentos mais saudáveis para as famílias.

Com isto, a porta de entrada para introduzir a agroecologia na propriedade foi muitas vezes o trabalho em torno da saúde e da alimentação mais saudável. Neste sentido, as mulheres desempenharam e continuam desempenhando um papel promotor fundamental na construção das propostas agroecológicas.

“Muitas vezes o trabalho da mulher em torno da saúde foi a porta de entrada para introduzir a agroecologia na propriedade”, confirmou Carmen Munarini, coordenadora do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC/SC).

Cadeias de impacto a partir do trabalho com sementes crioulas e biodiversidade

Um bom exemplo para ilustrar algumas mudanças significativas é o trabalho que o CAPA e seus grupos parceiros estimulam em torno da questão das sementes crioulas e conservação da biodiversidade. Partindo da análise que a situação das famílias nas últimas décadas era caracterizada pela dependência do plantio do fumo e das sementes híbridas que ocasionava uma erosão genética dramática das sementes tradicionais, o trabalho de resgate, recuperação e valorização de sementes crioulas se tornou um dos eixos mais antigos das atividades do CAPA.

Este trabalho, que nos anos 80 foi também um foco dos

trabalhos da Rede PTA, resultando na implementação de vários bancos de sementes para viabilizar a troca e o acesso a sementes melhoradas, desencadeou uma série de iniciativas locais e regionais na área de atuação do CAPA.

Uma delas é a experiência em torno da produção, beneficiamento, manutenção e comercialização de sementes da UNAIC. Fundada em 1988, no município de Canguçu/RS, a UNAIC iniciou o trabalho com as primeiras lavouras de milho e feijão em 1994. Desde então, o trabalho em torno das sementes crioulas evoluiu cada vez mais. Em 1997 foi criado o banco comunitário de produção de sementes com o objetivo de resgatar as sementes crioulas de milho e feijão. A partir de 1999, teve início o processo de empacotamento dos grãos com o objetivo de agregar valor. Neste período, os produtos ainda se destinavam ao mercado convencional. Em 2002, a UNAIC conquistou a sua própria unidade de beneficiamento de sementes, sendo que hoje conta com estrutura para o empacotamento automático e com equipamentos para o polimento.

A UNAIC se consolidou como referência nacional em relação ao trabalho com sementes crioulas, sendo a única unidade de beneficiamento de grãos no Brasil que se encontra nas mãos de agricultores. A recuperação da biodiversidade e a volta da auto-sustentação das famílias em relação às suas sementes é um dos destaques do trabalho com sementes da UNAIC.

“Tive presente a semente crioula na minha juventude. O meu pai plantava milho. Com o tempo foram entrando os híbridos e o milho crioulo, desaparecendo...”

José Luiz Porto, agricultor, Passo do Lourenço/RS

Foi observado também que em muitas comunidades as pessoas, principalmente os filhos e filhas dos agricultores, tinham perdido sua identidade como agricultores, sobretudo aqueles que viviam os impactos da monocultura do fumo. O presidente da UNAIC, Cléo de Aquino, contou sobre as reações de alguns beneficiados por projetos da UNAIC que visam a recuperação de sementes crioulas e a auto-sustentação das famílias do campo:

“Me deparei com um problema muito grande aqui em casa. A minha filha já tem 15 anos, mas não conhecia um pé de amendoim porque plantamos só fumo.”

Fala de uma senhora do município Amaral Ferrador/RS

“O agricultor olhava a semente e chorava. ‘Eu achei que nunca mais veria isso. Então existe. Tem ainda.’”

Cléu de Aquino, agricultor e presidente da UNAIC, Canguçu/RS

É a partir desta realidade que a UNAIC iniciou o projeto A Sustentabilidade da Agricultura Familiar começa pelas Sementes Crioulas, junto do MDA e da CONAB. Em quatro municípios foram identificadas as famílias mais vulneráveis, um total de 220 famílias em 10 comunidades. As próprias famílias atuam como mantenedoras das sementes.

“Na maioria das vezes se conseguiu a resposta esperada e hoje muitos agricultores produzem as suas próprias sementes em casa. As famílias mantêm as sementes não só pelo valor comercial, mas também como um elemento fundamental para manter a biodiversidade e a história cultural do povo e da região.”

A gente correu muito aqui na região para conseguir ter em mãos os tipos cultivares de sementes crioulas. Hoje, existem dezenas que estão distribuídas e espalhadas, ofertadas e vendidas todos os dias. As feiras de sementes estimulam e possibilitam a troca”.

Cléu de Aquino, agricultor e presidente da UNAIC, Canguçu/RS

Nas conversas sobre o Programa de Recuperação e Melhoramento de Sementes de Hortaliças Crioulas foram registrados outros aspectos que mostram como o trabalho com as sementes tem conseguido incluir elementos transversais, provocando com isso várias cadeias de impactos.

Esta iniciativa foi estimulada pelo CAPA de Erechim em parceria com o MMC/SC e conta hoje com 74 grupos de sementes no estado. Cada grupo é composto por um número de 15 mulheres em média. Há dois grupos de produção de sementes que repassam, via cursos de formação e intercâmbios técnicos, os materiais e conhecimentos para as integrantes dos diferentes grupos. Segue um resumo de alguns impactos relatados (depoimentos de Carmen Munarini, Coordenadora do MMC em Santa Catarina):

Alimentação: As famílias têm acesso a uma maior diversidade de alimentos. Os produtos para abastecer a mesa estão sendo plantados na propriedade, o que assegura às famílias o controle de sua qualidade. As mulheres levam os materiais que falam sobre a alimentação alternativa para casa para discutir e dialogar com a família. Só desta forma acontecem mudanças nos hábitos alimentares.

Economia familiar: A produção própria de legumes e verduras implica ganho econômico devido ao fato de as famílias não precisarem mais comprar no mercado produtos que fazem parte do hábito alimentar como a batatinha ou o tomate. Outro aspecto importante diz respeito à complementação da renda familiar obtida através da venda dos produtos excedentes.

Manejo agroecológico: Todas as casas possuem as suas plantas medicinais para fazer as caldas para controlar pragas e doenças. Muitas famílias praticam também a separação de lixo. Não se mistura mais plástico. Uma parte do lixo orgânico está sendo usada para fazer composto para a horta e o quintal e outra está sendo aproveitada para cobrir os canteiros. O papel do CAPA foi de estimular o trabalho agroecológico com sementes, prioritariamente sementes de hortaliças.

Aumento da auto-estima: O trabalho com as sementes de hortaliças também aumenta a auto-estima das mulheres quando elas percebem o que produziram na agricultura e que têm

uma mesa cheia de produtos. Segundo depoimento, uma vez, ao sentarem para somar tudo que tinham produzido de alimentos, viram que no final do mês deu de R\$ 500,00 a R\$ 800,00 reais para cada família. Este foi o resultado de um trabalho que ninguém havia percebido.

Gênero: O trabalho das mulheres não era valorizado e ficava invisível. Hoje se contempla também a dimensão de gênero. A valorização da mulher começa a partir da conversa na família. Antigamente o marido cedia uma área da propriedade para a mulher plantar as coisas dela: “Eh mulher! Esta área vou deixar para você, para plantar as miudezas”. Esta visão mudou. Foram perceber que aquele pedacinho, com tudo que se colhe, “gera grandeza”. Hoje, em muitas famílias o planejamento da propriedade já é feito pelas mulheres junto com os homens.

Vários depoimentos de grupos de jovens demonstraram como a juventude enxerga os avanços e as conquistas da transição agroecológica no sistema de produção da propriedade agrícola.

Critérios como qualidade de vida e saúde muitas vezes foram mencionados com destaque. Na feira ecológica de Santa Cruz foram colhidos os seguintes depoimentos entre representantes da AJESMA e Associação de Jovens Agricultores Ecologistas (AJAE).

“Mudou toda a realidade da propriedade. Está totalmente diferente do que 10 anos atrás a estrutura da propriedade, o jeito de trabalhar nela. Diversificou os produtos no estabelecimento e aumentou o número de produtos agroecológicos. Antigamente só tinha fumo na propriedade. Todos que plantavam fumo reduziram. Em geral caiu pela metade, no nosso grupo até mais”.

“Se vai avaliar a renda, depois que comecei com a produção ecológica, antes trabalhei com fumo, deixei de fazer R\$ 15.000,00 a R\$ 17.000,00 no fumo. Em compensação, fiz R\$ 9.500,00 a R\$ 10.000,00 a mais na verdura naquele

ano. E se eu comparar estes R\$ 15.000,00 com despesas, com tortura de serviço, investimento no fumo e fazer o mesmo cálculo em cima da verdura, a verdura me dá a mais. Destes R\$ 9.500,00, no máximo R\$ 8.000,00 me sobraram livre. No fumo, dos R\$ 15.000,00 sobriam no máximo R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Sem contar a saúde”

“Além disto, tu não produz só para vender. Se tu produz só fumo, os produtos que tu iria consumir diariamente na propriedade, teria que comprar. E este cálculo não está sendo feito na propriedade. Ninguém faz.”

Depoimentos dos jovens da AJESMA, Feira Ecológica de Santa Cruz

As agroindústrias cumprem um papel fundamental, fortalecendo as iniciativas locais de associativismo e cooperativismo.



Cadeias de impacto a partir do campo da saúde

Um outro campo de observação durante as visitas e entrevistas foi o melhoramento da saúde das famílias, atividade que o CAPA desenvolve desde o início da sua atuação. Os eixos principais deste trabalho relacionam ações para implementar farmácias caseiras nos estabelecimentos familiares e atividades para melhorar a alimentação dos grupos, um tema que está fortemente ligado à questão da manutenção e recuperação da diversidade do sistema de produção.

Em ambos os casos, fica evidente a importância do papel que as mulheres desempenham – pois são geralmente elas que possuem uma preocupação maior em torno das questões da alimentação e saúde da família. As entrevistas deixaram muito claro também que a porta de entrada para iniciar o debate sobre a introdução de idéias e conceitos agroecológicos na propriedade muitas vezes parte pelo diálogo com as mulheres sobre estas temáticas.

“A incorporação de práticas agroecológicas gerou vários resultados positivos relacionados à melhoria da saúde dos agricultores, em parte pelo abandono da aplicação periódica de agrotóxicos e de fertilizantes químicos. Considerando que a produção é diversificada, o agricultor tem sempre algum produto para trazer para o consumo da sua família, situação apontada pelo agricultor e presidente da Cooperativa Sul Ecológica de Agricultores Familiares Ltda., Ivo Scheunemann: ‘Hoje as pessoas se alimentam melhor, por outro lado, o fato de não precisar trabalhar com veneno, as pessoas se sentem mais tranquilas, mais seguras e mais saudáveis’.”

Relatório do Estudo de Caso da Rede de Comercialização Solidária, 2005 p. 38-39

O relatório sobre a Rede de Comercialização do Núcleo Pelotas traz uma série de depoimentos que constata impactos em vários outros campos da agroecologia, a saber:

- No âmbito da sustentabilidade ambiental, constatou-se que a maioria dos agricultores familiares que fazem parte das organizações produtoras de alimentos da rede, no início da prática, vivia em estabelecimentos rurais com solos de baixa fertilidade em decorrência do uso intensivo da terra. Com a introdução da agroecologia, observa-se gradativamente a melhoria do solo pela adoção de novas tecnologias para controle da erosão, entre elas a utilização de curvas de nível e adubação verde, proteção das fontes naturais, reflorestamento, compostagem e produção de húmus. A consorciação das culturas, bem como a rotação, são outras práticas sustentáveis que viabilizam a produção diversificada de alimentos e contribuem no conjunto de ações para preservação do solo.

- A diversificação do processo produtivo, além de garantir a segurança alimentar, também proporciona a ocupação de força de trabalho, diferente da agricultura baseada no monocultivo. Isto racionaliza o trabalho da família, valoriza a participação da mulher e dos jovens nas atividades, principalmente de beneficiamento da produção, propiciando a agregação de valor aos produtos. Este conjunto de atividades torna a exploração agrícola mais sustentável.

- A produção de alimentos na região, em contraposição à cultura do tabaco, diminuiu o seu cultivo e ampliou a área de alimentos.

“Mudou o hábito na alimentação, na produção, mudou muita coisa no consumo. É mais natural e saudável. Antes, se comprava muita coisa no mercado. Hoje, compra só mesmo alguma coisa ainda. E mesmo os filhos mudaram. Na época, quando viam alguma coisa na televisão, eles falavam: ‘me compra para mim’. Hoje não. A cabeça mudou. Eles falam: ‘Olha, a propaganda da nunca é aquilo o que aparece na televisão’.”

Rosalina Pagliari, agricultora, Barra do Rio Azul/RS

“As pessoas hoje comem melhor. Antigamente, em várias famílias só se comia polenta.”

Vivian Souza, agricultora, assentamento Santa Alice, Município de Herval/RS

Impactos em relação aos padrões e qualidade da alimentação foram relatados, em todos os núcleos, como um dos maiores avanços. Houve não só melhora na qualidade e diversidade dos alimentos dos grupos diretamente acompanhados pelo CAPA, mas também mudanças de consumo alimentar entre as populações urbanas mais carentes, por exemplo, ao fornecer alimentos de qualidade e em quantidade no contexto do PAA, da CONAB.

Um depoimento que evidencia esta mudança de hábito alimentar veio de uma pessoa beneficiada pelo PAA. Ao entregar a cesta com os alimentos a famílias de bairros carentes urbanos da cidade de São Lourenço do Sul, as pessoas falavam no início:

“As mulheres diziam: ‘Eu não vou levar a batata doce, nem a cenoura e nem a couve porque em casa ninguém come’. E levavam só o óleo, o arroz, o feijão e o leite. Hoje, depois de ter passado pelos cursos de alimentação alternativa, quando não vai couve elas pedem”.

Ingle Gonçalves de Melo, coordenadora técnica do Fome Zero PAA, São Lourenço do Sul/RS

Outros depoimentos relacionam a melhoria na qualidade da alimentação diretamente com impactos para a saúde das crianças em comunidades urbanas:

“Nas comunidades urbanas, como resultado da prática, verifica-se que com a inclusão de famílias antes marginalizadas, e pela melhoria da qualidade da alimentação, houve diminuição dos índices de anemia e desnutrição nas crianças e a diminuição da criminalidade nas comunidades onde há entrega de alimentos, conforme externalizado pela Ider comunitária da comunidade atendida

no bairro Sanga Funda, Olga Azevedo.”

Relatório do Estudo de Caso da Rede de Comercialização e Comercialização Solidária, p. 55

O relatório sobre a Rede de Comercialização apresenta dados que permitem visualizar a abrangência quantitativa quando descreve que só na periferia de Pelotas um total de 13.672 pessoas são beneficiadas semanalmente, recebendo alimentos de qualidade. Outros dados quantitativos podem ser verificados nos relatórios narrativos do próprio CAPA. No município de Vera Cruz, os produtos que os grupos do CAPA fornecem à rede das escolas infantis conseguem atingir um total de 700 crianças, fornecendo para elas, através dos convênios que o CAPA Santa Cruz firmou com a Prefeitura Municipal, alimentos agroecológicos nas merendas escolares.

Ainda em relação ao campo da saúde, foi possível observar como as atividades do CAPA trouxeram mudanças concretas para o bem estar das famílias, como o Projeto Saúde Comunitária no Vale do Taquari, que está sendo desenvolvido no âmbito do Programa de Agentes de Saúde Comunitária (PACS) e Programa de Saúde Familiar (PSF). Um bom indicador quantitativo para o sucesso do programa e para o nível de interesse que gera nas comunidades é seu grau de irradiação, pois em um período de quatro anos de atuação conseguiu triplicar o número de grupos que participam do programa (de oito para 24 grupos, com cerca de 20 pessoas por grupo, desde o ano de 2003).

“A consciência nas famílias que participam do projeto mudou. Aqui em casa mudou completamente. O uso de remédios caseiros diminuiu bastante os gastos de farmácia. A gente não gasta mais com farmácia. Um simples corte e o que surgir de dor, já tem recurso aqui em casa.”

Alexandre Becker, agricultor, Município de Travesseiro – Vale do Taquari/RS

“Eu, por exemplo, comprava naquele tempo uma bisnaga

de remédio para pele, não lembro mais o nome dela, acho que era de 30 gramas e custava R\$ 36,00. Eu gastava duas a três por mês. E a minha irmã tinha o mesmo problema. Hoje, se usa somente pomada de calêndula fabricada aqui em casa e gasta só para a vaselina que tem que comprar". Margaret Becker, agricultora, Município de Travesseiro – Vale do Taquari/RS

"A Secretaria de Saúde percebeu que se trata de um trabalho sério e convidou o grupo para participar da feira da saúde e expor os produtos. E lá na feira a gente conseguiu vender bastante. Quem usou os remédios volta a comprar, sobretudo as pomadas e os xampus. Isto gera um dinheirinho extra para a gente". Márcia Regina Becker, agricultora, Município de Travesseiro – Vale do Taquari/RS

"Hoje as mulheres conhecem melhor seus direitos. No caso da saúde, por exemplo, elas sabem que têm o direito de fazer regularmente os seus exames de mamografia pelo SUS. E elas o reivindicam. As capacitações do projeto da saúde comunitária contribuíram para isto. Observa-se também impactos não esperados que o projeto de saúde comunitária trouxe para as mulheres, que aproveitam os espaços das reuniões para discutir sobre outros assuntos que têm uma relevância forte, debatendo, por exemplo, sobre a questão da violência doméstica." Pastor Leonídio Gaede, pastor vice-sinodal, Teutônia/RS

Impactos em relação ao campo de comercialização – cooperativas e redes de comercialização

Aspectos específicos de observação:

- Desenvolvimento dos processos de beneficiamento e



É possível observar o grau de organização dos grupos e o investimento na construção de cadeias de produção.

agregação de valor aos produtos;

- Estratégias de comercialização dos produtos e inserção nos mercados;
- Mudanças em relação à renda mensal das famílias;
- Outros.

Neste campo, a atuação do CAPA provocou mudanças significativas em diversos níveis, sobretudo no âmbito local e regional. No início da sua atuação, o CAPA apostava muito na solução dos problemas dos pequenos produtores a partir das tecnologias alternativas. Porém, no trabalho concreto com os grupos se observava que não era só isto. Já relativamente cedo, os agricultores e suas famílias começaram a demandar um apoio do CAPA na área de comercialização.

“Quando passamos a nos envolver com comercialização, isto dentro da rede das ONGs não era visto com bons olhos. Quem se envolvia com comercialização, de certa forma, ‘sujava’ as mãos, porque se envolvia com o capital e com o mercado. Nós fomos duramente questionados. Mas desde o início da nossa relação com os agricultores esta demanda de apoiar a comercialização era muito presente. Nos diziam: ‘produzir até conseguimos. Sabemos produzir. Temos dificuldades sim. Temos que melhorar, claro. Mas o nosso problema é a comercialização’”.

Ellemar Wojahn, ex-coordenador do Núcleo São Lourenço do Sul/RS

Fica evidente o forte vínculo do tema da comercialização com aspectos da metodologia de trabalho do CAPA, sobretudo no que diz respeito à questão do fortalecimento da organização dos grupos e públicos com os quais o CAPA se relaciona.

Em todos os núcleos visitados foi possível observar as sinergias entre os trabalhos educativos para aumentar o grau organizativo dos grupos e o investimento na construção de cadeias de

produção, beneficiamento, agregação de valor e comercialização. As agroindústrias cumprem um papel fundamental para superar o individualismo tradicional do agricultor, criando e fortalecendo as iniciativas locais e regionais de cooperativismo e associativismo, uma estratégia que visivelmente torna os agricultores cada vez mais protagonistas dos processos.

Na região do CAPA Erechim existem hoje sete agroindústrias com marcas próprias. Em Santa Cruz do Sul existem quatro agroindústrias instaladas que fornecem os seus produtos para a ECOVALE e o CAPA Pelotas acompanha 14 grupos de agroindustrialização dentro da proposta da Rede de Comercialização Solidária.

Além de incrementar a auto-estima dos grupos, observou-se que as iniciativas conseguiram criar uma dinâmica positiva em relação ao mercado de trabalho local e regional, aumentando o trabalho, a geração de renda das famílias, particularmente no âmbito das cooperativas e agroindústrias. Durante a visita à Associação de Agricultores Familiares Agroecológicos (AAFA), na localidade de Barra do Rio Azul, Campo Alegre/RS, onde o CAPA de Erechim apoiou a construção de uma agroindústria de açúcar mascavo, foram colhidos os seguintes depoimentos:

“O grupo cresceu na participação ativa nas decisões e no planejamento do negócio. Também no conhecimento técnico. Hoje eles são sujeitos da história.”

“A fábrica é uma alternativa para as famílias com menos capacidade para ficar aqui e cortar cana para a fábrica, que gera um ingresso para a família de R\$ 500,00 a R\$ 600,00. Estas famílias não dependem mais da cesta básica. O pessoal se serve da fábrica para sobreviver aqui.”
Décio Agostini, agricultor da AAFA, Barra do Rio Azul/RS

Um outro exemplo é a UNAIC, no município de Canguçu, que hoje emprega diretamente 31 pessoas, sendo 29 com carteira assinada e dois diaristas. Desta equipe, a maioria é filho de produtores locais. O fato da UNAIC alimentar uma rede de relações



Um fator positivo da criação de locais de comercialização é o contato direto dos agricultores com os beneficiários urbanos.

e parcerias com outras instituições e apoiar diretamente a criação de outras cooperativas da região é um forte indicador que os impactos indiretos em relação à geração de trabalho e renda são muito maiores.

Esta análise pode ser verificada também olhando o caso da COOPAR, que hoje representa um forte motor para a economia do município de São Lourenço. Num contexto onde empresas como a Parmalat entrou na região para estruturar sua cadeia de leite, desencadeando naquele período um processo de exclusão dos produtores familiares em várias outras regiões, a COOPAR surge e se consolida como alternativa para os produtores familiares de leite. A COOPAR tem hoje um quadro de 2 mil famílias associadas

e um total de 5 mil famílias participando da cooperativa, sendo que 96% são agricultores familiares.

Além de criar alternativas no campo da comercialização propriamente dita, observa-se que as iniciativas em torno das agroindústrias locais trazem mudanças para as famílias e grupos também em outros níveis. Ao gerar possibilidades concretas de emprego local, e visando o envolvimento da comunidade toda, estas experiências cumprem uma importante função social.

As falas das pessoas entrevistadas mostram que as agroindústrias aumentam o papel ativo das mulheres, ou seja, as atividades em torno do gerenciamento do empreendimento contribuem para o desenvolvimento de relações mais igualitárias de gênero. No relatório sobre o Estudo de Caso da Rede de Cooperação e Comercialização Solidária consta que as mulheres têm um papel preponderante na gestão das agroindústrias:

“Na Rede, as duas agroindústrias que fornecem os sucos e doces são administradas por mulheres.”
Relatório estudo de caso da Rede de Comercialização Solidária, p. 53

Outros depoimentos vêm das próprias mulheres:

“Antes as mulheres não participavam da gestão dos assentamentos. Hoje as mulheres estão bastante envolvidas nos processos das agroindústrias. Elas se organizam em torno das atividades de geração de renda e participam com direitos iguais na gestão dos negócios e empreendimentos.”
Vivian Souza, agricultora, assentamento Santa Alice, Município de Herval/RS

“No começo não me interessava em nada, as mulheres não se envolviam muito. E agora não, a gente se envolve, trabalha, tem a mesma vez e a mesma voz. Aqui, a mulher ganha o mesmo valor que o homem, mesmo

fazendo um trabalho mais leve.”

Rosalina Pagliari, agricultora da AAFA, Barra do Rio Azul/RS

No entanto, ao assumir as tarefas nas agroindústrias houve um aumento da carga horária da mulher. Ainda são raros os homens que assumem junto com as mulheres as tarefas domésticas.

Um outro bom exemplo para observar os frutos do trabalho do CAPA em relação ao fortalecimento organizacional dos grupos é o PAA da CONAB. O estudo de caso que sistematiza as experiências da Rede de Comercialização traz uma série de exemplos que deixam bastante claro como esta iniciativa impactou em vários aspectos e níveis.

Em 2003, quando o programa surgiu, apenas duas cooperativas, a COOPAR e a UNAIC, estavam aptas a firmar convênio com a CONAB/MAPA. O fortalecimento dos demais grupos pôde ser verificado em um segundo momento, quando outras organizações conseguiram firmar contratos bilaterais com o governo federal, negociando preços, organizando a produção e as entregas com autonomia e propriedade.

Um fruto deste trabalho pode ser observado através das mais de 3 mil famílias de agricultores familiares, assentados de reforma agrária, quilombolas e pescadores artesanais de nove municípios do Território Sul do Rio Grande do Sul que integram hoje a Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, envolvendo 14 organizações, produzindo e comercializando alimentos. Na outra ponta, existem 14 mil famílias beneficiadas, recebendo alimentos de qualidade.

Entre outros indicadores que comprovam estas mudanças na qualidade e autonomia dos grupos está o fato de que eles conseguem acessar também outras políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da região, bem como o aumento significativo em relação ao corpo de associados.

Ainda, a atuação do CAPA teve um impacto dinamizador para a construção e consolidação da Rede ECOVIDA, que se tornou uma das principais referências no que diz respeito a processos de certificação participativa, não só no sul do país mas tam-

bém no território nacional. A relação com a Rede ECOVIDA tem estimulado entre os núcleos do CAPA os debates sobre modelos alternativos de certificação e, dentro da própria Rede ECOVIDA, a discussão sobre a valorização do mercado local e regional para os produtos da agricultura familiar.

As iniciativas de comercialização, sobretudo aquelas estruturadas em rede, contribuíram significativamente para aumentar a segurança alimentar da população rural e urbana, particularmente entre os grupos mais necessitados. Além disto, têm efeitos positivos em relação ao aumento da diversidade dos produtos que, na sua maioria, são de origem orgânica.

Esta avaliação é confirmada em vários documentos do CAPA: “O crescimento do número de produtos agroecológicos e de iniciativas de comercialização sugere um aumento da diversificação dos produtos nos estabelecimentos agrícolas...aumentando a motivação por parte dos agricultores familiares em aumentar e diversificar sua produção”. Também no relatório sobre o estudo da Rede de Comercialização que levanta o rol de alimentos fornecidos pela Rede Solidária: abóbora orgânica, açúcar mascavo orgânico, arroz orgânico e convencional, batata orgânica e convencional, batata doce orgânica e convencional, beterraba orgânica e convencional, brócolis convencional, cebola orgânica e convencional, cenoura orgânica, couve orgânica e convencional, couve-flor convencional, doce ecológico, farinha de milho orgânica e convencional, farinha de trigo convencional, feijão orgânico, feijão convencional, laranja comum e valência orgânica, leite, mandioca orgânica, mel, milho verde convencional e orgânico, pão integral, peixe processado, pêssego orgânico, repolho orgânico e convencional, suco ecológico, tomate orgânico e convencional

“Nas comunidades urbanas, como resultado da prática, verifica-se que com a inclusão de famílias antes marginalizadas e pela melhoria da qualidade da alimentação, houve diminuição dos índices de anemia e desnutrição nas crianças e a diminuição da criminalidade nas comunidades onde há entrega de alimentos, conforme exter-



O crescimento do número de produtos agroecológicos e de iniciativas de comercialização sugere um aumento da diversificação dos produtos agrícolas.

*nalizado pela líder comunitária da comunidade atendida no bairro Sanga Funda, Olga Azevedo”
Relatório do Estudo de Caso da Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, p. 55*

As atividades de comercialização no contexto da merenda escolar não só impactaram diretamente na questão da melhoria da qualidade de alimentação das famílias e na melhoria de renda, como contribuíram para mudanças no entendimento e na compreensão das pessoas sobre a realidade das diferentes categorias da sociedade:

“Um fator positivo é o contato direto dos agricultores com os beneficiários urbanos. No ato da entrega re-

alizada diretamente pelos agricultores e pescadores, dirigentes e lideranças rurais, verificou-se momentos de diálogo com a população da periferia. Os agricultores, ao interagirem com as vilas e bairros mais pobres da periferia, compreendem sua realidade, criando vínculos de solidariedade.

Outro impacto decorrente é que a introdução de alimentos orgânicos na merenda escolar e nas sacolas distribuídas na periferia, ao mesmo tempo em que promove um processo pedagógico, trabalhando a educação alimentar, conquista novos consumidores.”

Relatório do Estudo de Caso da Rede de Cooperação e Comercialização Solidária, p. 37

A criação de novas estruturas de comercialização, através da construção de agroindústrias para agregar valor e o estímulo de iniciativas de venda direta como feiras orgânicas ou via o mercado institucional, abre e reorganiza os canais tradicionais de comercialização. Nota-se, por exemplo, que entre o público do CAPA não há mais a figura do atravessador. Só na região de atuação do CAPA Pelotas existem, hoje, mais de 20 feiras, todas ecológicas, em oito municípios. Na região de atuação do núcleo Erechim, existem 10 feiras livres. A ECOVALE, na região de Santa Cruz, conta com 10 pontos de comercialização, sendo que sete destes são feiras livres.

A criação de novas estratégias de comercialização e a abertura de novos mercados levou também a alterações na renda dos grupos:

“Por meio do PAA e com as estruturas, começamos a trabalhar através da Rede Solidária. No início, atendemos com 24 mil kg de peixe (jundiá em postas), onde o pescador recebeu R\$1,40/kg, enquanto que antes o atravessador oferecia somente R\$0,70.”

Everaldo Motta, pescador e presidente da Cooperativa Lagoa Viva de Pescadores Profissionais Artesanais

“Eu fiz um fluxo de caixa na propriedade desde 2003 para cá. Diminuiu o fumo, mas as outras entradas aumentaram muito mais. Comecei a mexer com a feira e a sobra na propriedade hoje é muito mais do que quatro anos atrás. Antes, com o fumo, entrava dinheiro só uma vez ao ano, mas não calculava que os outros meses o balanço deu tudo negativo. Hoje entra dinheiro toda semana, e todo mês entra mais dinheiro do que está saindo, não contando a qualidade dos produtos que a gente consome na família.”

Dirceu Weber, agricultor e tesoureiro da AJESMA, Santa Cruz do Sul/RS

A criação de redes solidárias de comercialização provoca também uma maior e mais acelerada integração de novos públicos como quilombolas ou pescadores artesanais, segmentos tradicionalmente mais frágeis da sociedade, aumentando sua auto-estima ao torná-los protagonistas do processo e sem que os mesmos percam sua identidade.

“A garantia de venda e a valorização através do preço pago ao agricultor trouxeram impacto e aumento da sua renda, ampliando a produção ecológica e fortalecendo as suas organizações. Ainda inclui quilombolas e pescadores artesanais da região como protagonistas.”

“Hoje, 80% das famílias quilombolas ligadas à Rede têm a sua horta, produzindo uma grande quantidade de alimentos para subsistência (...) oferecendo hortaliças orgânicas para a merenda escolar ecológica do município de São Lourenço do Sul ...aumentando em até 70% a sua produção e 50% a renda”.

Relatório do Estudo de Caso da Rede de Comercialização, 2007, p. 54 e 55

A estratégia de comercialização permite criar novas relações

com segmentos da população urbana como, por exemplo, no contexto da Teia Ecológica em Pelotas, que é um espaço de diálogo entre membros do meio rural e urbano, valorizando os produtos ecológicos da agricultura familiar e criando mercados diferenciados, agregando valor nas refeições saudáveis e com qualidade. A Cooperativa de Consumidores Teia Ecológica foi criada em 1998 com 47 sócios fundadores. Seu objetivo foi apoiar a Primeira Feira Ecológica, aproveitando as sobras das feiras. Hoje, integra mais de 100 sócios e colaboradores voluntários, funciona como um mercado de produtos diversificados e um restaurante no centro comercial de Pelotas, que fornece de 90 a 110 refeições por dia.

Em termos nacionais, pode ser constatado que a iniciativa da rede solidária de comercialização serviu de referência para estimular a criação de outras experiências regionais no âmbito do PAA da CONAB, onde foram iniciados processos semelhantes em outros estados brasileiros (Bahia, Mato Grosso, Pará)

Impactos em relação ao campo de políticas públicas

Aspectos específicos de observação:

- Participação nos diversos níveis de conselhos municipais, regionais;
- Influências e/ou mudanças nas políticas públicas a partir da elaboração de propostas nos níveis local, estadual e nacional;
- Ocupação de cargos políticos;
- Outros.

“O agricultor era alguém isolado no interior, era manipulado em todos os aspectos. Não era sujeito.”

Esta frase de José Nunes, ex-integrante da equipe técnica do CAPA Pelotas e prefeito de São Lourenço do Sul, caracteriza de forma muito nítida a realidade e o reconhecimento da agricultura e do agricultor familiar nas regiões onde o CAPA iniciou as suas

atividades, há quase três décadas.

A percepção da importância de se investir no fortalecimento dos grupos de agricultores para que eles mesmos pudessem ser sujeitos ativos para reivindicar e influenciar políticas públicas diferenciadas que atendessem as demandas dos diferentes grupos sociais do campo foi fruto das reflexões do CAPA. Já na primeira fase de atuação da organização havia a análise de que só com as forças do CAPA não seria possível mudar a realidade e que seria fundamental entrar no campo das políticas públicas para reivindicar direitos, disputar recursos públicos com propósito de mudanças.

O forte investimento na construção de um capital social conscientizado entre os diferentes públicos que o CAPA acompanha impulsionou a criação de uma grande quantidade de organizações populares de diversos tipos que, além de organizar e controlar de forma cada vez mais autônoma os processos em torno das diferentes temáticas trabalhadas, começam a atuar como sujeitos políticos em diversos níveis. Esse protagonismo passa pela capacitação, formação e pela visibilidade da inserção política. Hoje, organizações como a COOPAR e UNAIC atuam de forma completamente independente do CAPA.

Um bom indicador que evidencia esta nova consciência e o crescimento da auto-estima entre os agricultores pôde ser observado durante a visita ao CAPA Santa Cruz. Naquela região, onde o sistema de produção dos agricultores familiares está fortemente caracterizado pela presença e impactos da monocultura do tabaco, o CAPA conseguiu negociar uma série de convênios de assessoria técnica com o poder público municipal. Na conjuntura de mudanças nos governos municipais, foram citados vários exemplos onde os próprios agricultores organizados fizeram uma exitosa pressão política sobre o novo poder municipal em casos onde houve ameaça de abandonar os convênios de assessoria técnica com o CAPA.

Apesar do fato de continuar sendo difícil conquistar espaços e participação nos conselhos municipais, nota-se que o trabalho de conscientização dos agricultores trouxe mudanças qualitativas. Importante destacar também o alto grau de negociação e media-

ção em diversos espaços de proposição e definição de políticas públicas locais e regionais como, por exemplo, no âmbito das secretarias municipais e/ou dos conselhos de desenvolvimento municipal/regional. Em municípios como São Lourenço, os impactos que o trabalho do CAPA trouxe para o desenvolvimento da agricultura familiar no nível regional são extremamente visíveis.

“Antes, a agricultura familiar não tinha presença. Existia um conselho agropecuário, dominado por uma meia dúzia de pessoas representantes dos bancos, o prefeito, o presidente da cooperativa de arroz etc. Hoje, conseguiu-se dar voz aos agricultores. Existe praticamente um conselho da agricultura familiar com 50 associações participando. Tem dois vereadores eleitos e representantes dos agricultores familiares nos conselhos municipais de agricultura, saúde, desenvolvimento rural. Inseriu os agricultores em todos os programas governamentais que acessam as políticas públicas. São Lourenço serve também de exemplo para outros municípios vizinhos.”
José Nunes, prefeito de São Lourenço/RS

Também em outras localidades a presença das organizações dos grupos de base nos conselhos municipais foi mencionada em vários momentos nas entrevistas. Em Canguçu, por exemplo, a UNAIC tem representação em 11 dos 16 conselhos municipais.

Neste contexto, tornam-se visíveis as interfaces que existem entre a estratégia de trabalhar a forma organizativa dos agricultores, originando uma grande quantidade de organizações camponesas, como associações e cooperativas, e as conquistas de espaços de negociação política no nível municipal e regional, em alguns casos até com uma presença maciça dessas como nos municípios de São Lourenço e Canguçu. Fica evidente também que não se trata só de uma presença quantitativa. A participação dos agricultores acontece de forma ativa e com qualidade nas proposições.

“Os agricultores com os quais a gente come a trabalhar

e discutir algumas coisas também como am a se destacar nos conselhos, e os outros às vezes nem conseguem acompanhar o raciocínio”

Jaime Weber, coordenador CAPA Santa Cruz/RS

Conseqüentemente, é possível identificar exemplos que evidenciam as alterações e mudanças nas políticas públicas. A inclusão de matérias sobre a cultura quilombola nos currículos escolares dos municípios de São Lourenço e Canguçu, ou a inserção de pessoas da UNAIC como professores na sala de aula para falar sobre a agroecologia e modelos diferenciados de produção agrícola são exemplos exitosos na luta de propor e influenciar políticas públicas. Um outro exemplo que depõe favoravelmente sobre a eficiência desta estratégia é o fato que hoje, no município de São Lourenço, todas as escolas dispõem de uma farmácia caseira, fruto de um trabalho que o CAPA vem desenvolvendo desde seu início como intervenção principal na área da saúde popular. Vale a pena destacar também que foram encontrados exemplos onde representantes de grupos de jovens conquistaram importantes espaços de negociação política para reivindicar os seus interesses e apresentar propostas de desenvolvimento.

“No nosso município fundamos o primeiro Conselho Municipal da Juventude do estado de Santa Catarina. Foi aprovado por uma lei. O prefeito aprovou. Eu faço parte da diretoria hoje.”

Éderson Wuaden, agricultor, Município Alto Belavista/SC

Mudou também o respeito das instâncias do poder público e/ou das instituições de pesquisa e assistência técnica sobre os agricultores e agricultoras que, em alguns casos, são reconhecidos por essas agências enquanto sujeitos políticos e portadores de conhecimento técnico. O fato de o CAPA estimular o seu público para desenvolver pesquisa técnica em parceria junto a instituições de pesquisa contribuiu de forma significativa para estas mudanças. Bons exemplos são os trabalhos de pesquisa



As mudanças no crescimento pessoal e na auto-estima das famílias e grupos são duradouras.

em relação às sementes crioulas ou plantas medicinais que o CAPA está desenvolvendo junto com seu público e instituições de pesquisa técnica como EMBRAPA.

“A EMATER, por exemplo, hoje convida a gente para contribuir com as nossas experiências sobre o manejo da cana em outros municípios porque a gente sabe as informações sobre que tipo de cana dá quanto, quantos quilos de garapa dá a moenda e tudo isso. Nós mulheres, dando aula para eles que ficaram com boca aberta.”

Neiva Maria Agostini, agricultora da AAFA, Barra do Rio Azul/RS

“Eles já mudaram a postura e o olhar em relação a nós. Antes nem enxergavam a gente. Agora, quando chegamos em um lugar onde tem o prefeito ele enxerga a gente, cumprimenta”

Décio Martinho Agostini, agricultor da AAFA, Barra do Rio Azul/RS

Além de aumentar a auto-estima dos grupos de base e preparar os seus representantes para participar ativamente nos espaços municipais e regionais de negociação de políticas públicas, pôde ser observado que os resultados e impactos dos trabalhos têm contribuído também para criar referências para políticas públicas nos níveis regional e até federal. Uma das bases para isto é a representação institucional e política em uma série de fóruns e conselhos, tanto em termos nacionais quanto internacionais.

No plano federal, algumas ações do CAPA se tornaram referência e estão sendo replicadas como, por exemplo, em relação à rede da CONAB. A criação do Fórum de Desenvolvimento Rural, na região do CAPA Pelotas, é considerada uma referência nacional. Entre 1999 e 2003, o Fórum foi o espaço de deliberação das políticas públicas federais e estaduais para a região Sul do RS. O

CAPA e várias organizações parceiras como a UNAIC, a COOPAR, a ARPA-Sul e a Teia Ecológica são integrantes do Fórum, e seu núcleo executivo, responsável pelas ações territoriais, está sendo coordenado pelo CAPA. O CAPA propõe política estadual de plantas medicinais, sendo que foi convidado para participar das discussões sobre plantas medicinais e fitoterápicas, com o objetivo de conseguir o reconhecimento do uso de plantas medicinais e farmácias caseiras como parte do SUS. O exemplo mais novo que evidencia o papel de destaque que o CAPA possui como referência nacional para a luta por políticas públicas foi a aprovação do Território Sul do RS como primeira região dentro do programa Territórios da Cidadania, programa lançado pelo governo federal em fevereiro de 2008.

Em geral, pode ser constatado que o CAPA tem se empenhado na formulação de políticas públicas, tanto em conjunturas progressistas quanto conservadoras. A memória da reunião dos coordenadores do consórcio CAPA e FLD registra:

“O trabalho do CAPA está cada vez mais reconhecido e divulgado. O CAPA Pelotas, por exemplo, coordena as ações da SDT na região.”

Memória da Reunião dos Coordenadores do Consórcio CAPA e FLD, 26 e 27 de abril 2007

Os atuais convênios do CAPA com o MDA são:

- **Projeto Ater** - Fortalecimento e ampliação de ações em agroecologia e desenvolvimento local, em parceria com a rede ECOVIDA;
- **Projeto Ater** - Fortalecimento das ações em agroecologia e desenvolvimento regional sustentável no sul do RS, em parceria com a FLD;
- **Apoio às Comunidades Quilombolas**, pelo PPIGRE;
- **Fortalecimento das Ações em Agroindústria Familiar**, pela SAF;
- **Desenvolvimento e Articulação Territorial**, pela SDT;
- **Fortalecimento da Pesca Artesanal**, pela SAF e SEAP.

Impactos sobre o CAPA

Este capítulo faz um resumo dos impactos mais significativos sobre o CAPA, analisando tanto aspectos que provocaram mudanças para dentro da instituição como também elementos que evidenciam mudanças relacionadas a percepções que se tem de fora sobre o CAPA.

Mudanças na estratégia de trabalho

As adequações e flexibilidades em relação às estratégias de trabalho são uma característica que o CAPA sabe desenvolver bem desde o início da sua atuação.

Geralmente, são provocadas a partir da convivência e da prática de trabalho com as comunidades, e também oriundas dos processos de aprendizagem e das demandas levantadas pelos grupos acompanhados. Um exemplo disso é o fato que o CAPA, relativamente cedo, constatou que a estratégia inicial de priorizar as tecnologias alternativas e as propriedades-modelo possuía vários limites.

Como já exposto em capítulos anteriores, a inclusão do campo da comercialização, como um eixo central para a assessoria do CAPA, foi uma demanda explicitamente formulada pelos agricultores. Outros exemplos que caracterizam as mudanças estratégicas e conceituais puderam ser observados em relação à priorização da dimensão das políticas públicas e a entrada na disputa de recursos públicos no contexto de programas governamentais, bem como a evolução do conceito da agroecologia.

Mais recentemente, com a integração de novos grupos sociais no trabalho institucional, se apresenta o desafio dos núcleos ficarem atentos para a discussão conceitual sobre o tema da etnosustentabilidade e, conseqüentemente, para a reflexão interna sobre como desenvolver um olhar e uma prática de trabalho com as populações tradicionais.

Diversificação e inclusão de outros públicos

Talvez uma das mudanças mais relevantes ao longo da tra-

jetória do CAPA seja a inclusão de novas categorias sociais nos seus campos de atuação. Nos anos 1970, mais do que 70% da base social da IECLB era composta por pequenos agricultores descendentes de agricultores alemães. Conseqüentemente, o público com que o CAPA se envolvia no início da sua atuação era, na sua maioria, agricultores dos grupos que faziam parte da IECLB. Na medida em que o CAPA desenvolvia os seus trabalhos, em uma conjuntura política, na qual na virada das décadas de 1970 e 1980, na região sul do país, começam a surgir novos atores sociais no campo, como o Movimento Sem Terra, trazendo temas para dentro da agenda como a reforma agrária, evoluiu também a reflexão dentro do CAPA sobre a inclusão destes novos atores e dos seus temas nos trabalhos e nas discussões institucionais.

Quem é o público do CAPA? Na virada da década de 70 para 80 era o público do MST, hoje são as populações tradicionais. Com quem trabalhar, entre os pobres e os mais pobres? Era e é o papel do CAPA de questionar isto...nem sempre era bem visto por alguns segmentos da igreja e por partes das comunidades luteranas que sempre foram o público do CAPA. Nos documentos, isso estava claro, mas na prática, tanto na igreja quanto nas comunidades, isto trouxe muita tensão.
Ellemer Wojahn, ex-coordenador do Núcleo São Lourenço/RS

A abertura do CAPA, que começa a partir de 2002 a integrar de forma mais estratégica novos públicos como os quilombolas, indígenas e pescadores artesanais nos seus planos de trabalho, trouxe novas reflexões para dentro das equipes e provocou mudanças nas percepções dos integrantes dos núcleos ao criar posturas mais sensibilizadas em relação a estes grupos.

“As pessoas criaram um outro olhar para a cultura dos quilombolas. De repente eles se dão conta. Para a : Tem



Se antes os técnicos eram vistos como “alternativos malucos”, hoje são vistos como conhecedores da agroecologia que, a partir do modelo conceitual de uma agricultura diferenciada, desenvolvem um trabalho sério.

negros neste assentamento”.

Ledeci Coutinho, equipe CAPA Pelotas/RS

“Tivemos que, como equipe, buscar forma o, conhecimento e novas posturas. Participamos de cursos de antropologia, história e cultura. Integramos novos profissionais afro-descendentes no núcleo Pelotas. Estes resultados, também e n o com menos importância, trouxeram reflexos para dentro das equipes dos núcleos do CAPA.”

Rita Surita, coordenadora CAPA Pelotas/RS

Fruto desta nova realidade foi o seminário do Consórcio CAPA com o tema Etnosustentabilidade, com vistas às comunidades quilombolas e apresentação cultural com indígenas.

Relação com a igreja e as comunidades

Observa-se também impactos no tocante à relação entre o CAPA e a IECLB, que passa a sofrer mudanças na medida que o CAPA ganha uma vida própria e mais independente da igreja. No início da fundação do CAPA, a ação comunitária da igreja e a atuação do CAPA eram fortemente ligadas. Nas visitas às comunidades, os pastores iam juntos com os técnicos do CAPA e vice-versa (veja também cap. 4.2, p. 12). Esta dinâmica na relação entre a igreja e o CAPA mudou.

“Hoje há um certo distanciamento entre CAPA e a direção da igreja e as comunidades. O pequeno agricultor luterano, de origem alemã, é um pouco mais duro para trabalhar as propostas do CAPA. São os mais conservadores. Há casos que se observa um desinteresse pelo lado dos agricultores pelas tantas promessas que já foram feitas. Isto se manifesta hoje também em relação ao CAPA. Quem está se envolvendo mais são os não luteranos, católicos etc, que estão descobrindo o CAPA. E os avanços do trabalho se observa com mais força,

sobretudo, entre as populações que se encontram mais à margem da sociedade.”

Pastor Huberto Kirchheim, ex-pastor presidente da IECLB

No relatório de avaliação dos registros constatamos que apontam na mesma linha, quando fala que se constata uma “certa apatia de algumas comunidades em relação às propostas do CAPA” e que se encontra “algumas comunidades mais fechadas, desconfiadas, conservadoras. O povo alemão tem mais dificuldade de se integrar no processo de ações coletivas e trabalhar juntos”.

Relatório de avaliação, 2005, p. 51

Visão de terceiros

Um outro nível de mudanças se nota em relação às percepções e ao reconhecimento do CAPA, por representantes da sociedade circundante, enquanto ator profissional na área de assessoria e pesquisa técnica. Um depoimento que evidencia isto é, por exemplo, quando se diz que os técnicos do CAPA que idealizaram e defenderam uma agricultura alternativa eram, antigamente, considerados como “alternativos malucos”. Hoje, eles passaram a ser vistos como conhecedores da agroecologia que, a partir de um modelo conceitual de uma agricultura diferenciada, desenvolvem um trabalho sério, ganhando, assim, respeito e reconhecimento. Esta mudança na visão de terceiros se reflete também na avaliação sobre os agricultores assessorados pelo CAPA que começam a praticar uma agricultura diferente, um modelo diversificado baseado em princípios da agroecologia. São exatamente as vozes de representantes de empresas fumageiras que estimam que os melhores fumicultores são aqueles agricultores que praticam um sistema de produção diversificado e passaram por um processo de formação metodologicamente diferenciado.

“Para as empresas fumageiras que estão de olho no fumo orgânico, é mais interessante o perfil do nosso agricultor que tem um know-how na produção agroeco-

lógica e é uma pessoa que discute as relações éticas e comunitárias. Os melhores fumicultores são os agricultores diversificados, dizem eles, dizem os prefeitos, é uma constatação”

Jaime Weber, coordenador CAPA Santa Cruz/RS



Visita de certificação de um grupo da Rede ECOVIDA. As visitas proporcionam ricos momentos de trocas de experiências e intercâmbios entre os agricultores, técnicos e associações participantes.

Crescem a responsabilidade e os desafios para continuar mostrando a viabilidade econômica e a sustentabilidade das experiências e iniciativas bem sucedidas.

Análise dos impactos

Critérios de apreciação

Para avaliar o desenvolvimento de projetos e programas, o DAC da OCDE propõe trabalhar com cinco critérios de apreciação: Relevância, Eficiência, Eficácia, Impactos e Sustentabilidade.

Relevância:

Estamos fazendo o certo? As atividades realizadas pretendem solucionar um problema central dos públicos alvos?

As atividades realizadas no âmbito dos projetos e programas desenvolvidos pelo CAPA possuem um alto grau de relevância e atendem as demandas formuladas pelo público acompanhado. O CAPA trabalha com os grupos mais necessitados e vulneráveis da sociedade, inclusive com grupos contra os quais ainda existem na sociedade grandes preconceitos como, por exemplo, os quilombolas e indígenas. Além disso, observa-se uma clara coerência com os objetivos básicos que a própria IECLB estabeleceu para o trabalho do CAPA na primeira fase da sua atuação.

O grau de relevância das atividades e processos apoiados pelo CAPA aumenta ainda mais na medida que as instâncias e órgãos relevantes do estado continuam priorizando um modelo de desenvolvimento rural voltado para o agronegócio. Diferente-



Os resultados evidenciam o alto grau de sustentabilidade das mudanças provocadas pelas intervenções do CAPA e seus grupos parceiros de base

mente de 30 anos atrás, o trabalho do CAPA hoje está cada vez mais reconhecido e divulgado. Em muitos momentos foi possível sair do estágio da experimentação. O CAPA e seus grupos parceiros conseguiram comprovar que existem alternativas para a agricultura familiar. Com isto, aumentam a responsabilidade e os desafios para continuar mostrando a viabilidade econômica e sustentabilidade social e ambiental das experiências e iniciativas bem sucedidas, acrescentando ao aspecto da relevância uma dimensão mais qualitativa.

Eficácia:

Alcançamos os objetivos dos projetos?

Apesar do fato que este estudo não possui o caráter de uma avaliação dos projetos do CAPA, é interessante analisar as mudanças provocadas pela sua atuação, relacionando-as com algumas das diretrizes norteadoras que foram estabelecidas para a instituição em relação a seus campos temáticos prioritários. Neste contexto, é importante lembrar dos objetivos básicos que a própria IECLB estabeleceu para o trabalho do CAPA na primeira fase da sua atuação:

- Fixação do agricultor à terra;
- Conscientização e valorização do pequeno agricultor em termos de dignidade e importância;
- Conscientização em torno da função social da terra como produtora de alimentos básicos e saudáveis para o povo;
- Desenvolvimento de projetos viáveis e concretos de uma agricultura alternativa com vista à preservação da terra e do meio ambiente;
- Promoção da união dos pequenos agricultores, no espírito de um autêntico movimento sindicalista e cooperativista, com vistas à produção, comercialização e reivindicação de preços justos, crédito fundiário, acesso à terra e a realização da reforma agrária.

Os impactos confirmam que, em relação à maior parte dos

objetivos e diretrizes, foram alcançados avanços e conquistas que atestam a eficácia da atuação do CAPA, tanto no que diz respeito ao campo técnico e de implementação de experiências referenciais quanto também às propostas metodológicas de trabalho. A análise sobre a sustentabilidade das iniciativas e a avaliação sobre as hipóteses de trabalho para este estudo comprovam a coerência com os objetivos e diretrizes de trabalho.

Em muitos momentos, os avanços não são maiores devido às instabilidades nas conjunturas políticas, às quais estão expostas as iniciativas e propostas desenvolvidas pelos grupos. Um exemplo que evidencia esta avaliação é o caso do estado do Rio Grande do Sul. Após um período onde o governo estadual incentivou várias iniciativas, na virada da década de 1990 para 2000, com a entrada de um outro governo, muitos programas inovadores foram se desestruturando, causando, conseqüentemente, uma quebra nas dinâmicas dos processos apoiados pelo CAPA. Estas dinâmicas se repetem também no nível municipal.

Sustentabilidade:

As mudanças positivas têm caráter permanente?

Os resultados do estudo de impacto evidenciam, em vários momentos, o alto grau da sustentabilidade das mudanças provocadas pelas intervenções do CAPA e seus grupos parceiros de base. Esta análise pode ser ilustrada a partir dos seguintes exemplos:

Identidade e auto-estima:

Sem dúvida, todos os impactos que levaram a mudanças relacionadas a novos padrões de comportamento, percepções e visões das pessoas podem ser considerados como impactos sustentáveis. As mudanças no crescimento pessoal e na auto-estima das famílias e grupos são duradouras. Elas contribuem para formar um cidadão crítico, com capacidade de reflexão, força e vontade para defender e reivindicar os seus direitos. Além destes aspectos gerais, que valem para todos os públicos com os quais o CAPA se relaciona, certamente destacam-se os impactos referentes à recuperação da memória cultural das populações tradicionais, que se



O número crescente de famílias que integram as iniciativas mostra que elas possuem uma sólida base social e um bom potencial de mobilização.

expressa, tanto em posturas mais firmes e sentimentos de orgulho das suas tradições e identidades como no redescobrimto de atividades concretas, como em relação à recuperação e valorização do artesanato e outros costumes e práticas.

Fortalecimento organizacional

São visíveis os avanços e as conquistas em relação à criação e estruturação de grupos coletivos de representações de agricultores em associações e cooperativas. Algumas delas conseguiram alcançar um alto nível de autonomia, enquanto outras estão em processo de consolidação. Várias destas iniciativas já se estabeleceram no nível municipal e regional como importantes atores em relação à defesa dos direitos dos grupos e à reivindicação de políticas públicas diferenciadas. O fato de conseguirem cumprir este papel, tanto em conjunturas políticas mais progressistas como em realidades mais conservadoras, é um indicador forte do reconhecimento político e da força de barganha que possuem.

O número grande e crescente de pessoas e famílias que integram as iniciativas mostra também que elas possuem uma base social sólida e um bom potencial de mobilização, fortalecendo e qualificando cada vez mais os seus potenciais enquanto ator social. Em alguns casos, os depoimentos das pessoas entrevistadas revelam também a importância que as iniciativas possuem para o desenvolvimento econômico do município, além do papel impactante e incubador para a criação de outras experiências.

Verificação das hipóteses de trabalho

Hipóteses confirmadas

Com as suas intervenções, o CAPA contribuiu para melhorar a situação de vida dos grupos com os quais trabalha?

A atuação do CAPA contribuiu para aumentar a sustentabilidade ecológica e econômica dos sistemas de produção das famílias?

A melhoria na qualidade de vida das famílias foi mencionado em todas as regiões visitadas, independentemente de categoria social, sexo e idade. As entrevistas apontaram mudanças em vários níveis como, por exemplo, em relação à melhoria na infraestrutura em áreas de assentamento, lazer, saúde e segurança alimentar das famílias. A forma e a frequência como as pessoas falaram sobre as suas experiências e vidas, evidenciam como elas entendem e valorizam as propostas trabalhadas pelo CAPA. As propostas visam um conceito mais amplo e integrado de um sistema de produção baseado em um modelo de desenvolvimento regional sustentável, onde não se prioriza o ideal da maximização do lucro financeiro.

Nos capítulos anteriores, foram citados vários exemplos de como a forma de atuação do CAPA tem contribuído para provocar mudanças no campo da sustentabilidade ecológica e econômica das famílias. Um bom exemplo para ilustrar as interfaces entre a dimensão ecológica e outros aspectos da sustentabilidade, são as atividades em torno do resgate e da manutenção de sementes tradicionais que, além da dimensão ecológica, geraram também impactos relacionados à alimentação e saúde das famílias. No

Reunião de Planejamento Estratégico Participativo na Associação de Agricultores Familiares Agroecológicos na localidade de Barra do Rio Azul. “Sem o planejamento, as coisas ficavam muito desamarradas, soltas.”



caso da UNAIC, ficaram evidentes as mudanças na dimensão da sustentabilidade econômica e social do trabalho com as sementes. Mas há também outras experiências que evidenciam as relações entre as diversas dimensões da sustentabilidade e mostram como estão sendo costuradas as cadeias de impactos no trabalho do CAPA, por exemplo, no contexto da produção e do fornecimento de produtos ecológicos para as merendas escolares.

A sustentabilidade financeira é alcançada através da diversificação do sistema de produção, que evita a dependência de um único produto como fonte de renda, distribuindo o risco das atividades agrícolas e garantindo uma renda regular que entra a cada mês; da agregação de valor, através da criação de um número grande de agroindústrias locais; do leque diversificado de alimentos produzidos nos estabelecimentos que entram no cardápio das famílias, gerando, assim, uma economia razoável nos gastos mensais das famílias que diminui muito a compra de alimentos externos. Um outro elemento importante que contribui para a sustentabilidade econômica é a organização da comercialização, que prioriza a venda de produtos beneficiados e em redes, muitas vezes direto ao consumidor, eliminando, assim, a intervenção da categoria dos atravessadores.



A primeira diretoria
e conselho fiscal
da Cooperativa
Agroecológica
e da Indústria
Familiar, criada em
2006 em Marechal
Cândido Rondon
(PR).

Termos de referência

Como desdobramento do estudo de avaliação do Consórcio CAPA, realizado no ano de 2005, surgiu a demanda para aprofundar alguns aspectos no que diz respeito aos impactos da atuação do CAPA ao longo da sua trajetória. Com esta finalidade, está sendo contratada uma prestação de serviço para proceder a uma análise de impacto com os seguintes objetivos e produtos esperados:

Objetivos

- Identificar e sistematizar os maiores impactos que o CAPA está ajudando a realizar através da sua atuação nos núcleos regionais e temáticas que foram priorizadas para este estudo
- Fornecer subsídios ao CAPA que possam ser utilizados no fortalecimento do processo de visibilidade dos resultados da sua atuação perante os diversos segmentos da sociedade brasileira, bem como os órgãos públicos
- Fornecer subsídios que possam ser úteis para o CAPA incrementar o seu sistema de PMA com elementos que permitam acompanhar de forma mais constante o desenvolvimento dos impactos da sua atuação.
- Fornecer subsídios ao EED para comunicar e disponibilizar à sociedade alemã os resultados das suas intervenções

no campo do desenvolvimento rural

Produto Esperado

- Um documento síntese que resuma os principais impactos esperados e não esperados nas regiões foco e nos temas prioritários para o estudo

Conceito de impacto

No contexto desta documentação, trabalha-se com o entendimento que o impacto do trabalho de uma organização se define como mudanças significativas e duradouras que ela possibilita construir nas vidas e nos meios de sustento das pessoas com as quais trabalha, no sentido de seu objetivo superior ou missão. Um critério fundamental para a descrição de impactos é a identificação de evidências que podem ilustrar de forma plausível as relações entre as intervenções realizadas e as mudanças observadas, já que na maioria dos casos as mudanças na vida e nas concepções das pessoas/famílias, ou na situação dos grupos, são provocadas por um conjunto de intervenções e atores. É importante deixar claro que o estudo não pretende focar a questão até onde o CAPA conseguiu atingir as metas dos seus planos estratégicos de trabalho.

Obs.: Os termos de referência completos estão descritos no relatório que originou esta publicação.

Lista de abreviações

AAFA	Associação de Agricultores Familiares Agroecológicos
AF	Agricultura Familiar
AJAE	Associação de Jovens Agricultores Ecologistas
AJESMA	Associação de Jovens Ecologistas de São Martin
AANE	Associação de Agricultores Nova Esperança
ARPA-SUL	Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da
Região Sul	
APAA	Associação Paraíso de Agricultura Alternativa
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
CAPA	Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
COOPAL	Cooperativa de Pequenos Produtores de Leite da Região Sul
COOPAR	Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região
COOPERFAS	Cooperativa dos Agricultores Ecologistas Solidários
COOPERBIOGA	Cooperativa dos Produtores Orgânicos de Mondai
CRESOL	Cooperativa de Crédito Solidário
DAC	Development Assistance Committee
ECOVALE	Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas
do Vale do Rio Pardo	
EED	Evangelischer Entwicklungsdienst
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FLD	Fundação Luterana de Diaconia
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
MAPA	Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDA	Ministério de Desenvolvimento Agrário
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento
Econômico	
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PAC	Programa de Consolidação e Emancipação de Assenta-
mentos	
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PMA	Planejamento, Monitoramento e Avaliação
PPIGRE	Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e
Etnia	
PSF	Programa de Saúde Familiar
PTA	Projetos de Tecnologias Alternativas
RS	Rio Grande do Sul
SAF	Secretaria de Agricultura Familiar
SEAP	Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca
SPD	Setor de Projetos de Desenvolvimento
SDT	Secretaria de Desenvolvimento Territorial
TdR	Termos de Referência
UNAIC	União das Associações Comunitárias do Interior do Canguçu